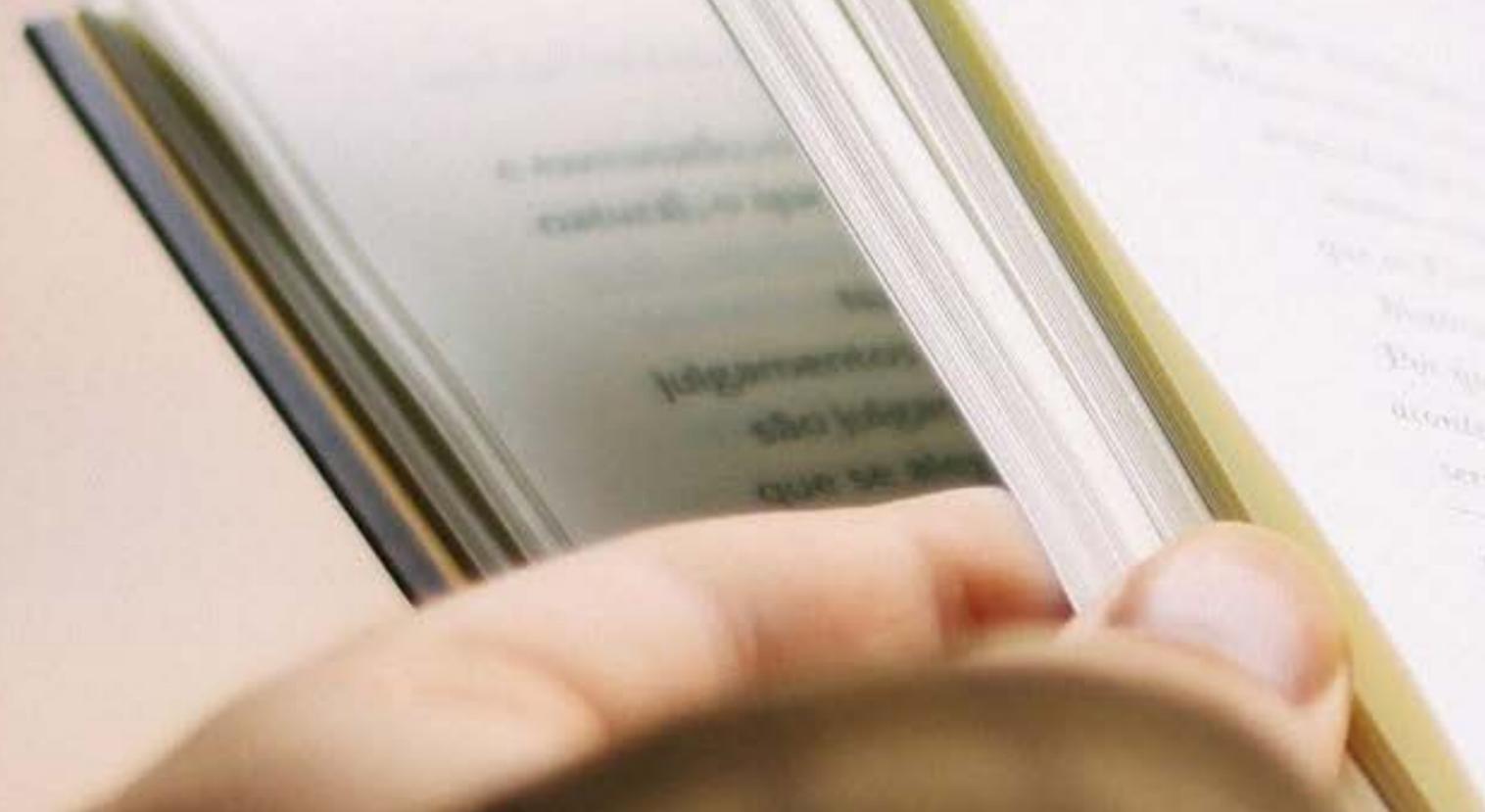


# LÍNGUA PORTUGUESA 1

Cláudia Maris Tullio



Caros alunos,

Esse ebook é um pdf interativo. Para conseguir acessar todos os seus recursos, é recomendada a utilização do programa Adobe Reader 11.

Caso não tenha o programa instalado em seu computador, segue o link para download:

<http://get.adobe.com/br/reader/>

Para conseguir acessar os outros materiais como vídeos e sites, é necessário também a conexão com a internet.

O menu interativo leva-os aos diversos capítulos desse ebook, enquanto as setas laterais podem lhe redirecionar ao índice ou às páginas anteriores e posteriores.

Nesse *pdf*, o professor da disciplina, através de textos próprios ou de outros autores, tece comentários, disponibiliza links, vídeos e outros materiais que complementarão o seu estudo.

Para acessar esse material e utilizar o arquivo de maneira completa, explore seus elementos, clicando em botões como flechas, linhas, caixas de texto, círculos, palavras em destaque e descubra, através dessa interação, que o conhecimento está disponível nas mais diversas ferramentas.

Boa leitura!

# SUMÁRIO

# APRESENTAÇÃO

Caro(a) acadêmico(a)

Neste material, você relembrará alguns conceitos já vistos em Laboratório de Leitura e Produção Textual, outros que estarão trabalhando paralelamente em Introdução aos Estudos Linguísticos além daqueles que já trabalharam no Ensino Médio, como as classes de palavras, porém de forma mais aprofundada. Tudo isto denota a perspectiva interdisciplinar que norteia nosso curso. Da leitura aos fatores de textualidade, das classes de palavras aos processos coesivos e à referenciação, da modalização, dos operadores argumentativos aos efeitos de sentidos na linguagem (pressupostos, subentendidos, ambiguidades e ironia) nossa viagem começa agora.

Boa leitura! Lembre de acessar os artigos que estão ao final de cada unidade a fim de aperfeiçoar os estudos.

## UNIDADE 1

Nesta unidade, além de fazermos uma viagem de volta à disciplina de Laboratório de Leitura e Produção Textual a fim de relembramos alguns conceitos referentes à leitura e ao texto, vamos conhecer um pouco mais sobre a Linguística Textual e os padrões de textualidade, os quais são fundamentais para a produção textual.

Lajolo (2004, p. 7) esclarece: “Lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela”.

## CAPÍTULO I – UM PASSEIO PELA LEITURA, PELO TEXTO E PELA LINGUÍSTICA TEXTUAL

Na disciplina Laboratório de Leitura e Produção textual, vocês estudaram a respeito das concepções de linguagem, de sujeito, de leitura e texto. Para lembrar, é importante ler os textos abaixo. O primeiro intitulado *Leitura, texto e sentido*, de Koch e Elias (2007), faz um apanhado das concepções já discutidas. O segundo, *Leitura: conhecimentos prévios*, de Therezo (2007), relembra quais são os conhecimentos ativados no momento da leitura, segundo Ângela Kleiman.

1 Leitura, texto e sentido

(dê duplo clique no ícone para abrir)



2 Leitura: conhecimentos prévios



Diferentes textos exigem estratégias de leitura diferentes. Vamos observar os elementos contextuais (extralinguísticos, condições de produção) e co-textuais (linguísticos) na análise dos textos. Esteja atento à temática, ao veículo de publicação, ao público-alvo, aos objetivos explícitos e implícitos dos textos.

Desse modo, a leitura é uma atividade interativa de produção de sentidos, depende dos conhecimentos prévios do leitor para que possa construir os sentidos para o texto.

A título de exemplificação do que acabamos de afirmar, vejamos a tirinha:

Na tirinha, Garfield representa bem o papel do leitor que, em interação com o texto, constrói-lhe o sentido, considerando não só as informações explicitamente constituídas, como também o que é implicitamente sugerido.

Os sentidos do texto (sim, sentidos no plural, porque as leituras podem ser múltiplas!) são construídos na interação autor-texto-leitor. Isso quer dizer que o contexto de produção do autor – seu tempo, espaço, intenções, crenças, ideologias – influenciou na construção do texto. Da mesma forma, o contexto do leitor – seus conhecimentos linguísticos, culturais, suas ideologias, seu tempo histórico e espaço – determina a sua compreensão e interpretação do texto. Portanto, não tentaremos descobrir o que o autor quis dizer ou nos reduziremos a uma única leitura. Leitores diferentes podem construir sentidos diferentes para o mesmo texto. Mas atenção! Não estamos afirmando que todas as leituras são coerentes. Existem marcas linguísticas e extralinguísticas que autorizam algumas interpretações e rejeitam outras. Logo, podemos concluir que há também leituras equivocadas que podem ser ocasionadas por falta de conhecimento linguístico, textual ou de mundo.

Somos leitores em tempo integral, no entanto, não lemos da mesma maneira os diferentes textos que se apresentam. Mobilizamos nossos conhecimentos sociocognitivos para compreender o texto. Para tanto, precisamos conhecer seu contexto de produção (quem produziu, para quem, quando, onde, em que momento histórico, é veiculado em qual suporte) para construirmos um sentido que seja possível. Lembre que todas as interpretações são válidas desde que sejam respaldadas pelas informações contidas no texto.

Alguns autores comparam o processo de leitura à construção de um prédio, em que o escritor é o arquiteto; o texto é planta do prédio; o leitor é o construtor; o processo da compreensão é a construção de tal edifício e o produto da compreensão é o prédio pronto. Assim, o que acontece entre a apresentação da planta (texto) e o prédio pronto (compreensão da leitura) depende do conhecimento prévio do construtor (leitor), presumido pelo arquiteto (escritor).

O nosso conhecimento de mundo e de textos que já lemos auxilia o processo de compreensão de um texto. Portanto, entendemos ser a leitura um ato dialógico, interlocutivo em que o leitor tem participação ativa na atribuição de sentidos ao texto, haja vista procurar pistas formais, formular e testar hipóteses leitoras, além de utilizar estratégias baseadas em seu conhecimento linguístico, textual e sociocultural.

Ao mobilizarmos nossos conhecimentos de mundo, conseguimos atribuir sentidos ao texto de acordo com as informações presentes nele. Para sermos bons leitores (ler, compreender e interpretar) podemos utilizar certas estratégias de leitura, que ajudarão na construção dos sentidos do texto. Vejamos quais são:

a) ativação de conhecimento prévio e seleção de informações - Fazemos isto sempre que nos deparamos com qualquer texto, pois precisamos saber do que se trata e se já conhecemos algo sobre o assunto. No entanto, não basta ativar o conhecimento de mundo, é importante selecionarmos as informações relevantes para a compreensão do texto. Na sociedade contemporânea, temos acesso a um verdadeiro arsenal de informações, somos bombardeados diariamente com todo tipo de informação por meio da *internet*, jornais, revistas, livros, redes sociais, etc. Assim, é vital sabermos selecionar aquelas necessárias em um determinado momento;

b) realização de inferências - o que são inferências? São hipóteses que o leitor cria durante o processo de leitura a partir dos dados no texto e de seu conhecimento de mundo.

c) antecipação de informações - quanto mais lermos (textos e o próprio mundo), mais conseguimos antecipar informações presentes no texto. Você já deve ter lido dois ou mais livros de um mesmo autor, ou dois ou mais livros de um mesmo gênero, como um romance romântico ou uma crônica policial. No primeiro caso, ao lermos mais de um livro de um mesmo autor possibilita conhecermos suas características estilísticas, suas preferências literárias, normalmente, já antecipamos informações sobre quem é o herói ou heroína da história, se teremos ou não final feliz, etc. No segundo caso, quando lemos vários romances românticos ou livros de suspense também já podemos antecipar informações de acordo com o gênero: no primeiro, quase sempre, temos finais felizes, no último, temos ou um crime ou um mistério para ser resolvido;

d) localização de informações no texto - é importante, como já mencionamos anteriormente, selecionar as informações, assim como localizá-las no texto;

e) verificação de inferências e antecipações realizadas - após termos realizado as operações anteriores, é importante irmos ao texto e verificarmos se nossas inferências e antecipações realizadas encontram amparo no texto, se são possíveis, de acordo com as informações presentes no texto;

f) articulação de índices textuais e contextuais - como veremos se as inferências e as antecipações são possíveis? Articulando os índices textuais e contextuais, isto é, verificar se o dito no texto corresponde ao contexto em que foi escrito e às inferências realizadas pelo leitor.

Índices textuais são a paragrafação, os conectivos utilizados, os advérbios, os adjetivos, enfim, a seleção vocabular e estrutural do texto feita pelo autor.

g) redução de informação semântica: construção e generalização de informações - como mencionamos anteriormente, é preciso selecionar as informações e as inferências realizadas a partir das informações semânticas presentes no texto. Mas o que são estas informações? Semântica diz respeito ao significado das palavras, ou seja, ao selecionar determinadas palavras, o autor criou uma série de expectativas acerca dos significados a serem construídos pelo leitor e desautorizou outros.

Falamos muito em leitura e em texto, mas o que você entende por texto? Será que é um amontoado de palavras ou apenas uma palavra pode ser considerada um texto? Vejamos os exemplos abaixo:

1

“O gato gosta de leite. O leite é branco. Os azulejos da cozinha são brancos. O jaleco do médico é branco. Branco é a cor da paz”

2

“A cor branca encontra-se presente em muitos objetos, como por exemplo: o leite, a roupa do médico, algumas folhas de papel; além de ser o símbolo da paz”

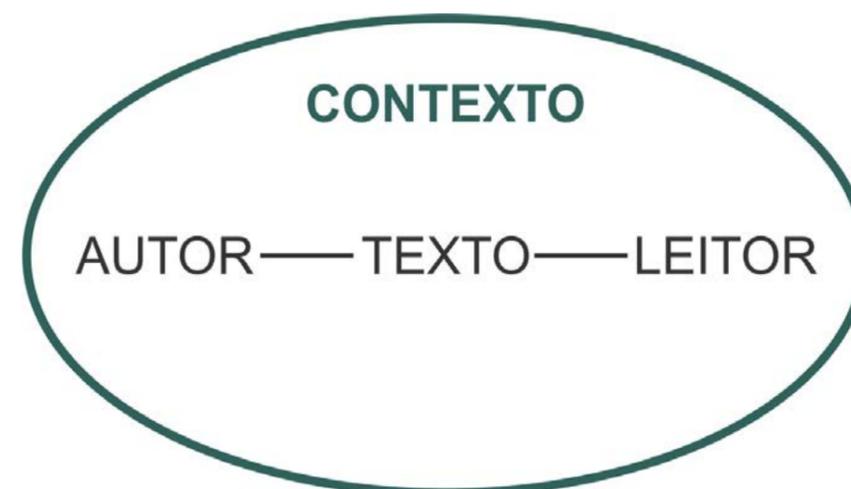
3

Estamos em uma sala de aula, quando sentimos cheiro de fumaça. Alguém grita: “Fogo”.

Será que apenas a palavra fogo pode ser um texto? Qual ou quais destes exemplos você considera um texto? Observe que o exemplo 1 traz uma sequência de frases, mas sem sentido. Temos uma série de frases que retomam o branco, mas sem uma unidade entre elas. Já o exemplo 2 mostra várias informações acerca do branco, de forma a dar sentido a elas. Percebemos que para ser um texto não basta ser um aglomerado de frases, é preciso haver sentido entre elas;

Para a autora Leonor Fávero (1993, p.25) “O texto consiste em qualquer passagem falada ou escrita que forma um todo significativo independente de sua extensão.” Assim, o exemplo 3 pode ser considerado um texto, pois “fogo” naquele contexto é um todo significativo. Logo, o contexto assume um papel essencial na compreensão do texto.

Figura 1.



fonte: a autora

Entre as várias concepções de texto, é possível dizer que um texto é um todo significativo com função social, com uma estrutura definida, além 'de constituir um elemento concreto. Vem do latim *textum*, que significa tecido, entrelaçamento. Para Costa Val (1991, p. 15) “[...] pode-se definir texto ou discurso como ocorrência linguística falada ou escrita, de qualquer extensão, dotada de unidade sociocomunicativa, semântica e formal.”, marcando um posicionamento da Linguística Textual que surgiu na década de 60, na Alemanha como ciência da estrutura e do funcionamento do texto.

## **BREVE HISTÓRICO DA LINGUÍSTICA TEXTUAL**

Fávero (2010) afirma que a origem do termo Linguística Textual encontra-se em Coseriu, mas é em Weinrich que surge o sentido atualmente empregado. É possível vislumbrar três fases no desenvolvimento dessa ciência.

A primeira surge da necessidade de um estudo além da frase, fora daquelas análises realizadas pelas gramáticas normativas, propondo uma análise transfrástica. Neste período, o interesse de estudiosos como Halliday e Hassan (1973, 1976) eram para os “[...] fenômenos que não conseguiam ser explicados pelas teorias sintáticas e/ou pelas teorias semânticas que ficassem limitados ao nível da frase” (BENTES, 2001, p. 247).

Nesta fase muitos autores apresentaram distintas denominações para texto: frase complexa, signo linguístico primário para Hartmann (1968), cadeia de pronominalizações ininterruptas para Harweg (1968), sequência coerente de enunciados para Isenberg (1971) etc.

Neste período, o linguista, ao analisar um texto, deveria partir da frase para o texto e observar as relações semânticas entre os itens lexicais. Por exemplo, na sequência de frases: “Olá, Juju, tudo bem? Trouxe a Tv. Ligue-a!”, o estudioso da língua deve estudar quais as relações entre o substantivo tv e o verbo ligar tentando demonstrar todas as relações semânticas possíveis entre os termos. Com o passar do tempo, os linguistas perceberam que estas análises eram

restritas, pois estavam reduzindo o texto a “[...] uma simples soma de significantes das frases que o constituem.” (BENTES, 2001, p. 249).

São propostas assim as **Gramáticas textuais**.

Dizendo de outra forma, as primeiras gramáticas textuais representaram um projeto de reconstrução do texto como um sistema uniforme, estável e abstrato. Neste período, postulava-se o texto como unidade teórica formalmente construída, em oposição ao discurso, unidade funcional, comunicativa e intersubjetivamente construída (BENTES, 2001, p. 249)

Segundo Marcuschi (1998), as gramáticas do texto introduziram, pela primeira vez, o texto como objeto de estudo da linguística, procurando estabelecer um sistema de regras finito e recorrente que seria partilhado por todos os usuários da língua. Este sistema permitiria que os usuários identificassem se uma sequência de frases constituiu ou não um texto e se esse é bem formado. Esta fase foi influenciada pelo gerativismo no que tange à competência linguística do falante.

Segundo Koch (2004, p. 5), tais gramáticas, como, por exemplo, as propostas por Dressler (1972, 1977) e Van Dijk (1972), teriam três tarefas básicas, a saber:

a) verificar o que faz que um texto seja um texto, ou seja, determinar seus princípios de constituição, os fatores responsáveis pela sua coerência, as condições em que se manifesta a textualidade; b) levantar critérios para a delimitação de textos, já que a completude é uma de suas características essenciais; c) diferenciar as várias espécies de textos (KOCH, 2004, p. 5).

Desse modo, todo falante teria competência para “[...] distinguir um texto coerente de um aglomerado incoerente de enunciados.” (KOCH, 2004, p. 6).

A terceira fase, que se estende até a atualidade, apresenta as **Teorias de texto**, em que a pragmática começa a ser incorporada nos estudos ao considerar o contexto (condições externas de produção e recepção – interpretação – dos textos) como fundamental para a noção de texto. “O texto deixa de ser entendido como uma estrutura acabada (produto), passando a ser abordado no seu próprio processo de planejamento, verbalização e construção.” (KOCH, 1998, 21).

Como afirma Marcuschi (1998), a Linguística Textual (LT) é essencialmente disciplinar, dinâmica, processual e funcional, que não considera a Língua como autônoma ou formal, mas como sociointerativa. Koch (1999) apresenta as várias teorias de texto, dentre elas podemos citar: Beaugrande & Dressler, que se aproximam da linha americana de Análise do Discurso e seus estudos estão voltados aos critérios de textualidade (que veremos no próximo capítulo); Weinrich e a construção da macrossintaxe do discurso, com base no tratamento textual de categorias gramaticais como artigo, verbo etc.; Van Dijk com a Análise Crítica do Discurso observa as tipologias textuais, no que diz respeito ao estudo das macroestruturas textuais, e ao das superestruturas ou esquemas textuais, dentre outros.

Atualmente, o conceito de texto, para a LT, considera a produção textual com base em três aspectos:

1. produção textual como atividade verbal. Os falantes, ao produzirem um texto, praticam atos de fala;
2. produção textual como atividade verbal consciente, levando em consideração a intencionalidade do falante;
- e 3. produção textual como atividade interacional, considerando o envolvimento dos interlocutores nos processos de compreensão e construção do texto (BENTES, 2001, p. 254-5).

**PARA SABER MAIS**, leia a entrevista da Prof<sup>a</sup>. Ingedore Koch a respeito da Linguística Textual

3 Entrevista com Ingedore Koch

## **CAPÍTULO 2 – NAS TRILHAS DA TEXTUALIDADE**

Beaugrande & Dressler (1981), no livro *Introduction to text linguistics*, apresentam o conceito de padrões de textualidade, amplamente discutidos no Brasil, especialmente na década de 80. Para os autores, texto é uma ocorrência comunicativa que apresenta sete padrões de textualidade, um conjunto de fatores que garantem o sentido e a interpretabilidade de um texto.

Os elementos responsáveis pela textualidade são:

- coesão;
- coerência;
- informatividade;
- situacionalidade;
- intertextualidade;
- intencionalidade;
- aceitabilidade.

Vejamos em detalhes cada um deles.

## COERÊNCIA

Normalmente, quando alguém fala que uma pessoa é incoerente significa que suas atitudes não estão coerentes. Pode ser porque fala uma coisa e faz outra, como afirmar que está fazendo dieta e devorar um bolo de chocolate e um sanduíche.

A coerência é considerada o fator fundamental da textualidade, pois é a responsável pelo sentido do texto. Ela é que faz com que o texto faça sentido para os participantes de uma dada situação comunicativa. Vejamos o exemplo abaixo:

Eram sete horas, mas não vou ler agora esse arquivo e já fomos dispensados das atividades.

Ele é incoerente, pois não produz sentido. As três orações que compõem, ainda que próprias da língua, não apresentam uma relação clara de sentido entre si, estão desarticuladas. É

o mesmo caso do exemplo 1, no início desta unidade. Se as mesmas orações aparecessem assim articuladas, haveria produção de sentido:

São sete horas. Não lerei agora esse arquivo, pois já fomos dispensados das atividades.

Observe que a conjunção pois liga as duas últimas orações indicando uma relação de causalidade. As conjunções e os pronomes, por exemplo, são responsáveis por ligar as orações, dando ao texto a coesão. Mas pode haver coerência sem coesão?

Sim, pois há textos organizados por justaposição ou com elipses e, mesmo assim, constituem uma unidade de sentido para seus leitores. Leia o texto seguinte:

#### **COMO SE CONJUGA UM EMPRESÁRIO**

Acordou. Levantou-se. Aprontou-se. Lavou-se. Barbeou-se. Enxugou-se. Perfumou-se. Lanchou. Escovou. Abraçou. Beijou. Saiu. Entrou. Cumprimentou. Orientou. Controlou. Advertiu. Chegou. Desceu. Subiu. Entrou. Cumprimentou. Assentou-se. Preparou-se. Examinou. Leu. Convocou. Leu. Comentou. Interrompeu. Leu. Despachou. Conferiu. Vendeu. Vendeu. Vendeu. Ganhou. Ganhou. Ganhou. Lucrou. Lucrou. Lucrou. Lesou. Explorou. Escondeu. Burlou. Safou-se. Comprou. Vendeu. Assinou. Sacou. Depositou. Depositou. Depositou. Associou-se. Vendeu-se. Entregou. Sacou. Depositou. Despachou. Repreendeu. Suspendeu. Demitiu. Negou. Explorou. Desconfiou. Vigiou. Ordenou. Telefonou. Despachou. Esperou. Checou. Vendeu. Lucrou. Lesou. Demitiu. Convocou (...) Dirigiu-se. Chegou. Beijou. Negou. Lamentou. Justificou-se. Dormiu. Roncou. Sonhou. Sobressaltou-se. Acordou. Preocupou-se. Temeu. Suou. Ansiou. Tentou. Despertou. Insistiu. Irritou-se. Temeu. Levantou-se. Apanhou. Rasgou. Engoliu. Bebeu. Rasgou. Engoliu. Bebeu. Dormiu. Dormiu. Dormiu. Acordou. Levantou-se. Aprontou-se.

Mino. In SOUZA, Luiz Marques de; e CARVALHO Sérgio Waldeck de. Compreensão e produção de textos. Petrópolis. Vozes, 1995. p.461.

Apesar de aparentemente desconexos, sem elementos que liguem os fragmentos transcritos anteriormente, estes têm sentido, pois falam da rotina de um homem de negócios. Pela sequência das palavras, ou pelas frases justapostas, podemos recuperar o contexto que retrata um mundo moderno que bem conhecemos. O texto faz sentido.

Um leitor só é capaz de perceber a coerência de um texto, quando considera os contextos de produção e recepção, porque algumas leituras só fazem sentido se soubermos quando, onde, para quem e por quem o texto foi produzido.

A coerência depende de uma série de fatores, entre os quais vale salientar:

1. o conhecimento do mundo e o grau em que esse conhecimento deve ser ou é compartilhado pelos interlocutores;
2. o domínio das regras que norteiam a língua, que possibilita as várias combinações dos elementos linguísticos;
3. os próprios interlocutores, considerando a situação em que se encontram, as suas intenções de comunicação, suas crenças, a função comunicativa do texto.

Assim, o estabelecimento da coerência dependerá não apenas do esforço do interlocutor em construir sua interpretação do texto, mas também da capacidade do produtor do texto de prever quanto de conhecimento seu interlocutor tem a respeito dos processos de retextualização e dos gêneros do discurso.

Charolles (1988) parte da noção de textualidade apresentada por Beaugrande & Dressler para apontar quatro metarregras que um texto coerente há que satisfazer: metarregra de repetição, de progressão; de não contradição e de relação.

A metarregra de repetição concerne à retomada de elementos no decorrer do discurso “[...] para que um texto seja (microestruturalmente e macroestruturalmente) coerente é preciso que contenha, no seu desenvolvimento linear, elementos de recorrência estrita.” (CHAROLLES, 2002, p. 49).

A língua dispõe de recursos para realizar essa repetição (ou continuidade). Charolles cita, como recursos, a pronominalização, as definitizações, as referências contextuais, substituições lexicais, recuperações pressuposicionais, retomadas de inferência. Para realizar retomadas, deve-se utilizar de elementos da coesão, que permitem uma boa fluência do texto, permitindo, assim, que ele tenha coerência, mas há que se considerar a ambiguidade referencial que pode prejudicar o texto.

Pela metarregra de progressão o texto retoma os elementos conceituais e formais, mas sem se limitar a isso. Deve-se observar os acréscimos semânticos ou as informações novas que fazem o sentido do texto progredir pois, “[...] para que um texto seja microestruturalmente e macroestruturalmente coerente, é preciso que haja no seu desenvolvimento uma contribuição semântica constantemente renovada.” (CHAROLLES, 2002, p. 58).

Já a metarregra de não contradição preza o respeito aos princípios lógicos elementares. Afinal, não se pode afirmar A e o contrário de A. As ocorrências textuais devem ser compatíveis entre si e com o mundo a que se referem, que representam. Por exemplo, é perfeitamente possível afirmar que as pessoas voam em um texto ficcional, mas improvável se o texto se refere ao mundo real. Esta não contradição se manifesta nos elementos linguísticos, no uso do vocabulário, etc.

Para que um texto seja microestruturalmente ou macroestruturalmente coerente, é preciso que no seu desenvolvimento não se introduza nenhum elemento semântico que contradiga um conteúdo posto ou pressuposto por uma ocorrência anterior, ou deduzível desta, por inferência. (CHAROLLES, 2002, p. 61)

Por fim, a metarregra de relação propõe “[...] para que uma sequência ou um texto sejam coerentes, é preciso que os fatos que se denotam no mundo representado estejam relacionados.” (CHAROLLES, 2002, p. 74). É preciso observar a forma como os fatos e conceitos apresentados no texto se encadeiam, como eles se organizam e os papéis que desenvolvem uns em relação aos outros.



## COESÃO

A coesão textual ocorre quando a interpretação de um elemento no texto depende de outro, um pressupõe o outro. Observe:

O filho desobedeceu à mãe e se deu mal. **Ela** sabia que **isso** iria acontecer com **ele**.

Sabemos que o pronome ela diz respeito à mãe, que isso retoma o fato de o filho ter desobedecido à mãe e ele faz referência ao filho. Portanto, os pronomes têm a função de relacionar e conectar as partes de um texto. Há uma série de mecanismos coesivos que garantem a conexão entre os diversos elementos de um texto. Vejamos alguns deles:

**COESÃO REFERENCIAL:** ocorre quando algumas expressões retomam ou antecipam ideias mencionadas no texto, evitando a repetição desnecessária de termos. São elementos coesivos referenciais: os pronomes e sinônimos ou expressões que substituem outras já utilizadas.

Exemplos:

O cão seguia-**o** para todo o lado, reparou o rapaz quando se voltou.

O Brasil exporta cacau e soja. **Esta** é plantada na região Sul; **aquele**, no Nordeste.

Bento XVI esteve, ontem, em Moscou. **Lá, Sua Santidade** disse que a Igreja continua a favor de celibato.

**COESÃO POR ELIPSE:** acontece quando elemento do texto é omitido em algum dos contextos em que deveria ocorrer.

Exemplo:

— Maria, vai ler Memórias Póstumas de Brás Cubas?  
— Vou.

**COESÃO POR SUBSTITUIÇÃO:** ocorre quando se coloca um item lexical com valor coesivo no lugar de outro.

Exemplo:

Miguel comeu uma maçã verde e Constantine também.

**COESÃO POR CONEXÃO:** depende das relações significativas estabelecidas entre as orações ou entre parágrafos. Se temos uma relação de causa e efeito, usamos uma conjunção que indique isto, como porque, pois, mas jamais utilizaríamos porém, no entanto, ou.

Exemplo:

Bianca não veio à aula, **entretanto** está doente. Bianca não veio à aula, **porque** está doente.

Fomos a Florianópolis. Depois, jantamos em Camboriú.

Enfim, a língua tem vários elementos que asseguram a relação entre as partes de um texto. No entanto, vale lembrar ser a coerência o principal fator de textualidade, responsável por

garantir o sentido dele. Tanto é assim que podemos ter uma sequência de frases com elementos coesivos, mas sem coerência.

Fui à praia me bronzear **porque** estava nevando e, **quando isso** ocorre, o calor aumenta, **o que** faz com que sintamos frio.

Nas próximas unidades retomaremos os conceitos previamente mencionados aqui para aprofundar o conhecimento sobre o sistema linguístico.

## ***FATORES PRAGMÁTICOS DA TEXTUALIDADE***

### ***INFORMATIVIDADE***

Um texto é mais informativo quanto menor for sua previsibilidade, e vice-versa. Se contém apenas informações já conhecidas do interlocutor, o texto não será muito interessante. Assim como aquele que só contém informações desconhecidas, pois exigirá do leitor conhecimentos que não tem. Um bom texto é aquele que mantém equilíbrio entre as informações dadas e as novas. A informação dada tem por finalidade estabelecer os pontos de ancoragem para o aporte da informação nova, sendo vitais para este processo a remissão ou referência textual, que formam as cadeias coesivas importantes para a organização textual, contribuindo para a produção de sentido pretendido pelo produtor do texto.

### ***INTENCIONALIDADE***

É a intenção de transmitir uma informação (texto). Nela há que observar o seguinte: o que vou escrever; para quem vou escrever e porque vou escrever. “Refere-se ao modo como os emissores usam textos para perseguir e realizar suas intenções, produzindo, para tanto, textos adequados à obtenção dos efeitos desejados.” ( Koch & Travaglia, 1990, p. 25)

Qual a diferença entre estes dois textos? Qual deles revela o posicionamento do autor como favorável ao MST?

MST invade propriedade

MST ocupa propriedade

Koch & Travaglia (1990, p. 80) afirmam que a intencionalidade também está estreitamente relacionada à argumentatividade e que ao se acreditar que nenhum texto é neutro, que toda produção textual tem uma intenção alicerçada em valores, conclui-se que “[...] existe sempre uma argumentatividade subjacente à linguagem.” Na verdade, os argumentos são marcas ou pistas que permeiam o texto com o objetivo de levar o receptor a apreender do texto a leitura que o autor propôs-se a passar.

### **SITUACIONALIDADE**

Diz respeito à adequação do texto à situação sócio comunicativa. Esse fator de textualidade está ligado às expectativas, às crenças e aos objetivos dos agentes envolvidos no processo de interlocução. Determina como deve ser produzido o texto. De acordo com a situação comunicativa um texto poderá ou não ter sentido, poderá ou não ser relevante, o que leva a perceber a importância do contexto de situação. O contexto serve como orientação para a produção e para a recepção, sendo fundamental que o produtor saiba quem é o receptor de seu texto e quais os seus conhecimentos.

### **ACEITABILIDADE**

Disposição ativa de participar de um discurso e/ou compartilhar um propósito. É a interação entre o produtor e o leitor por meio da construção do texto, independente do nível de linguagem utilizado. É a expectativa do leitor/recebido de que o texto seja coerente, coeso, útil e relevante, levando-o a adquirir conhecimentos ou a cooperar com os objetivos do produtor.

Leia o texto abaixo:

“S. Carlos

Favor de comprar cerra, lustra move, ajaque, e foco para a porta da sala que esta queimado. A bassora de barre carçada quebrou o cabo. Na Samtana tem umas boa que eu já ví. A mais sempre atura mais tempo. Tem vitamina das pranta.

Tião Marta”

Você conseguiu compreendê-lo? Mesmo não estando escrito de acordo com a norma padrão, percebemos que se trata de um bilhete.

### **INTERTEXTUALIDADE**

A intertextualidade compreende as diversas maneiras pelas quais a produção e recepção de dado texto dependem do conhecimento de outros textos por parte dos interlocutores. Diz respeito aos fatores que tornam a utilização de um texto previamente dependente de um ou mais textos.

Produzimos intertextos a todo instante: desde uma simples referência a um ditado popular, um provérbio, uma paródia até as citações textuais e paráfrases em textos acadêmicos ou científicos. Muitas vezes, a distância entre o texto original e o intertexto é muito sutil, e nesse emaranhado de textos presentes em nossa vida, podemos até desconhecer o texto original. Assim, todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis.

“A produção e a recepção de um texto dependem do conhecimento que se tenha de outros textos com os quais ele, de alguma forma, se relaciona. Essas formas de relacionamento são [...] bastante variadas.” (KOCH, 1991, pg. 46).

De acordo com Paulino (1995), as finalidades da intertextualidade são: a) reafirmar alguns dos sentidos contidos no texto direta ou indiretamente citado e b) inverter ou contestar alguns dos sentidos do texto citado, para polemizar com ele. Em sentido amplo, a intertextualidade se faz presente em todo e qualquer texto. Em sentido restrito, a conversão de um discurso em texto é uma operação ideológica (leitura).

Para o processamento cognitivo de um texto, recorre-se ao conhecimento prévio de outros textos.

12 de junho, dia dos namorados  
A VERDADEIRA FESTA

José Paulo Paes  
mas pra que fogueira  
rojão  
quentão?  
Basta fogo nas veias  
e a escuridão  
coração.

31 de março / 1º de abril  
DÚVIDA REVOLUCIONÁRIA

ontem foi hoje?  
Ou hoje é que foi ontem?  
José Paulo Paes

Pode-se dizer que é uma constante: os textos de uma mesma época, de uma mesma área de conhecimento, de uma mesma cultura etc. dialogam, necessariamente, uns com os outros. Ocorre, também, quando o produtor de um texto repete expressões, enunciados ou trechos de outros textos, ou o estilo de determinado autor ou de determinados tipos de discurso. Essa intertextualidade pode ocorrer de maneira implícita ou explícita. A intertextualidade explícita é a que marca (por aspas ou por citação) a fonte do intertexto, como acontece no discurso relatado, nas referências, nos resumos, resenhas e traduções etc. A intertextualidade implícita ocorre sem a citação da fonte, cabendo ao interlocutor recuperá-la na memória para construir o sentido do texto, como nas alusões, na paródia, em certos tipos de paráfrase e de ironia.

Na intertextualidade das semelhanças, o texto incorpora o intertexto para lhe seguir a orientação argumentativa e para apoiar nele a argumentação, como é o caso da paráfrase.

Já na intertextualidade das diferenças, o texto incorpora o intertexto para ridicularizá-lo, mostrar sua improcedência ou colocá-lo em questão (paródia, ironia).

Como vocês viram em Laboratório de Leitura e Produção Textual as noções a respeito de gênero textual, cabe salientar que Marcuschi (2002) aponta a intertextualidade intergêneros

para designar o aspecto da hibridização ou mescla de gêneros em que um assume a forma de outro. Vejamos o exemplo dado por Marcuschi (2002), um artigo de opinião do jornal *Folha de São Paulo* que, embora escrito na forma de um poema, continua sendo um artigo.

**Um novo José**

*Josias de Souza*

Calma, José.

A festa não recomeçou,

a luz não acendeu,

a noite não esquentou,

o Malan não amoleceu.

Mas se voltar a pergunta:

e agora, José?

Diga: ora, Drummond,

agora Camdessus.

Continua sem mulher,

continua sem discurso,

continua sem carinho,

ainda não pode beber,

ainda não pode fumar,

cuspir ainda não pode,

a noite ainda é fria,

o dia ainda não veio,

o riso ainda não veio,

não veio ainda a utopia,

o Malan tem miopia,

mas nem tudo acabou,

nem tudo fugiu,

nem tudo mofou.

Se voltar a pergunta:

e agora, José?

Diga: ora, Drummond,

agora FMI.

Se você gritasse,

se você gemesse,

se você dormisse,

se você cansasse,

se você morresse...

O Malan nada faria,

mas já há quem faça.

Ainda só, no escuro,

qual bicho-do-mato,

ainda sem teogonia,

ainda sem parede nua,

para se encostar,

ainda sem cavalo preto

que fuja a galope,

você ainda marcha, José!

Se voltar a pergunta:

José, para onde?

Diga: ora, Drummond,

por que tanta dúvida?

Elementar, elementar.

Sigo pra Washington.

E, por favor, poeta,

não me chame de José.

Me chame Joseph.

Fonte: Folha de São Paulo, Caderno 1, p. 2 – Opinião, 4 out. 1999.

## EPÍGRAFE

Etimologia da palavra (do grego epi = em posição superior + graphé = escrita), constitui uma escrita introdutória de outra. Ela implica sempre um recorte de outro texto que se encontra presente, porém é modificado porque se expõe como recorte, à nova leitura. Também modifica o texto a que está agregado. Veja o exemplo:

**Se se morre de amor!** (Gonçalves Dias)

*Meere und Berge und Horizonte swistchen den Liebenden – aber die Seelen versetzen sich aus dem staubigen Kerker und treffen sich im Paradiese der Liebe.*

SCHILLER. *Die Räuber*

*“Mares, montanhas e horizontes separam os que se amam, mas as almas fogem das prisões sombrias e se encontram no paraíso do amor”*

## CITAÇÃO

Retomada explícita de um fragmento de texto no corpo de outro texto. A textual, como acontece nos textos científicos, menciona autor, ano e página. A contextual ou paráfrase ocorre quando nos apropriamos das palavras de outrem sem marcá-las, nem se utilizando literalmente. Não se confunde com o plágio, porque ela deixa clara a fonte, a intenção de dialogar com o texto retomado, e não de tomar seu lugar. Também resumir ou recontar uma história é parafraseá-la.

## REFERÊNCIA

Quando, em algum momento do texto, faz-se referência a personagens, autores de outro texto, como, por exemplo, em *A missa do galo*, de Machado de Assis, o narrador, em uma das cenas, se compara com D' Artagnam, personagem de *Os três mosqueteiros*, de Alexandre Dumas.

## PARÓDIA

Dá um tom crítico e irônico ao texto de origem, rompe com o texto retomado, levando o leitor a uma reflexão crítica de suas verdades incontestadas anteriormente. Os programas de

humor utilizam continuamente essa arte, quando os discursos de políticos são ridicularizados provocando uma reflexão quanto à demagogia praticada pela classe dominante.

## UNIDADE 2

### **RELEMBRANDO AS CLASSES DE PALAVRAS**

Para que aprofundar os conhecimentos da linguística textual, objeto de estudo da disciplina de Língua Portuguesa I, precisamos lembrar quais são e como são definidas as classes de palavras. Estas possibilitam organizar a reflexão sobre a função que desempenham, nos enunciados da língua, as palavras existentes no léxico.

Num primeiro momento, cabe lembrar que a construção do sentido dos enunciados não depende do significado isolado das palavras que os compõem, mas é o resultado de uma série de relações que se estabelecem entre as palavras, as posições que ocupam nas estruturas sintáticas dos enunciados da língua e o contexto em que ocorrem. Desse modo, faz-se necessário comentar sobre forma linguística e função linguística.

#### **FORMA LINGUÍSTICA**

Pode-se afirmar que os elementos da língua são dotados de significação própria, são formas linguísticas e são constituídos por um único fonema (como é, eu) ou podem ser palavras isoladas ou mesmo frases e textos maiores. Quando o significado das formas linguísticas corresponde a um radical da língua, diz-se que ele é lexical, em contrapartida, quando corresponde a noções como gênero, número, pessoa, modo, etc. é gramatical.

Exemplificando: *árvore* é uma forma linguística de significado lexical associado ao radical *árvor-*; em *cantaríamos*, além do significado lexical do radical *cant-*, há morfemas cujo significado é gramatical: *-ria* é uma desinência pessoa, modo temporal, isto é, indica o modo e o tempo (futuro do pretérito do indicativo), na primeira pessoa do plural.

## FUNÇÃO LINGUÍSTICA

No texto *O normal nem sempre é o certo*, Hélio Vogas faz um trocadilho em que afirma “[...] o normal nem sempre é o certo. O certo nem sempre é o normal.” Longe de discutirmos filosoficamente o texto, vamos nos ater aos signos normal e certo.

Na primeira vez em que o signo normal ocorre no texto, o termo é um substantivo e atua como sujeito do verbo ser. Na sequência, tem valor de adjetivo e tem a função de predicativo do sujeito. A mesma inversão de função ocorre com o signo certo que aparece primeiro como adjetivo e exerce a função de predicativo do sujeito e depois como substantivo e é sujeito do verbo ser.

Assim, uma mesma forma linguística, como o caso de normal e certo, desempenha diferentes funções morfológicas (ora como substantivo, ora como adjetivo) e sintáticas (ora como sujeito, ora como predicativo do sujeito). Portanto, função linguística é a aplicação que uma forma tem na língua com base em seu valor gramatical. Logo, a relação entre forma e função é um aspecto muito importante na constituição do sentido dos enunciados.

## CLASSES DE PALAVRAS

Em *Introdução aos Estudos Linguísticos*, vocês fizeram uma viagem pelos estudos da linguagem e viram que já na Antiguidade havia uma preocupação em classificar as palavras da Língua. Dos hindus, gregos, romanos até os dias atuais os estudiosos preocupam-se com esta classificação.

Tais palavras são classificadas de acordo com critérios:

Morfológicos	Semânticos	Sintáticos
Forma e função linguística	Tipos de significação de que as palavras são portadoras	Função que exercem nos enunciados

Os estudos gramaticais organizam as palavras da língua em dez classes: substantivos, adjetivos, artigos, numerais, pronomes, verbos, advérbios, preposições, conjunções e interjeições.

Também podemos afirmar que há classes de palavras variáveis e invariáveis. As primeiras dizem respeito àquelas que apresentam formas flexionadas em gênero, número e grau (como em: menino, menina, meninos, menininhos, meninão [substantivo] ou: bonito, bonita, bonitos, bonitinhos, bonitões [adjetivo]); gênero e número [artigos e numerais] o, a, os, as; gênero, número e pessoa: [pronomes] seu, sua, seus, suas; modo, tempo, número, pessoa e voz: [verbo] canto, cantei, cantamos, cantado, cantando. As invariáveis são aquelas que não apresentam formas flexionadas, como os advérbios, as preposições, as conjunções e as interjeições.

Passamos a lembrar cada uma das classes de palavras:

### ***SUBSTANTIVO***

Vejamos como aparece em algumas gramáticas:

“É a palavra com que nomeamos os seres em geral e as qualidades, ações, ou estados, considerados em si mesmos, independentes dos seres com os quais se relacionam” (ROCHA LIMA, 1979, p.61)

“É a palavra que nomeia os seres em geral [...] e serve privativamente de núcleo do sujeito, do objeto direto, do objeto indireto e do agente da passiva.” (CUNHA, 1985, p.171)

A classe do substantivo reúne as seguintes características principais:

- a) dá nome às parcelas do nosso conhecimento representadas como seres;
- b) serve de núcleo às expressões referenciais do texto;
- c) tem gênero próprio (masculino ou feminino) e varia em número (singular ou plural);
- d) desempenha as funções sintáticas de sujeito e de objeto direto. (AZEREDO, 2008, p. 155)

Percebemos que alguns conceitos abordam apenas o critério semântico, outros aliam este ao sintático. Do ponto de vista formal, os substantivos admitem as flexões de gênero, número e grau e podem ser precedidos por artigos, pronomes adjetivos ou numerais, formando

um sintagma nominal, como em: o cachorro, minhas irmãs, muitas ideias. Também podem ser seguidos ou precedidos por adjetivos, como em: cachorro meigo, lindas irmãs.

Para lembrar:

Sintagmas são unidades mínimas entre as quais se estabelece uma relação de determinação, em que um dos elementos modifica ou determina o outro, especificando-o de alguma maneira.

São sintagmas nominais aqueles que têm por núcleo um substantivo, como determinantes podem aparecer os artigos, numerais, pronomes adjetivos e como modificadores o adjetivo (a bala doce). São sintagmas verbais os que têm por núcleo um verbo (comi a bala)

Funcionalmente, que você trabalhará em Língua Portuguesa 3, os substantivos atuam nas orações como núcleos dos sintagmas nominais, exercendo os papéis de:

**Sujeito:** A **criança** é a alma da sociedade.

**Objeto Direto:** Chamei a **criança**.

**Objeto Indireto:** Dei a boneca à **criança**.

**Predicativo do sujeito:** Você parece **criança**!

**Predicativo do objeto:** Considero você uma **criança**.

**Complemento nominal:** O medo da **criança** é plausível.

**Adjunto adnominal:** Isto é brincadeira de **criança**.

**Adjunto adverbial:** Saí com a **criança**.

**Agente da passiva:** O brinquedo foi abandonado pela **criança**.

**Aposto:** Camila, a **criança**, permanece alerta.

**Vocativo:** **Criança**, não verás nenhum país como este!

## **CLASSIFICAÇÃO DOS SUBSTANTIVOS**

Podemos afirmar que os substantivos formados por único radical são considerados simples como: mesa, pé, perna, flor. Já aqueles formados por mais de um radical são considerados compostos como: pé de moleque, flor-de-lis.

Conceitua-se como substantivos primitivos aqueles que não se originam de qualquer outro radical, como casa, flor. No entanto, são derivados os formados a partir de um radical preexistente na língua como: casebre, floricultura.

São substantivos próprios aqueles que nomeiam seres particulares, únicos, dentre aqueles de uma mesma espécie, como os antropônimos (nomes de pessoas), os topônimos (nomes de lugares), títulos de obras, etc. Os substantivos comuns são os que nomeiam os seres de uma mesma espécie ou conceitos abstratos. Há também os substantivos coletivos que são aqueles que, no singular, fazem referência a um conjunto de seres de uma mesma espécie, corporações sociais e religiosas agrupadas para determinado fim.

Substantivos concretos são os que designam os seres que têm uma existência independente, real ou imaginária, como casa, sereia. Substantivos abstratos são aqueles que nomeiam conceitos como ações, estados, qualidades, sentimentos, sensações que não têm uma existência independente. Sua manifestação está associada a um ser do qual depende a sua existência, como ressentimento, mágoa, beijo, abraço.

Não discutiremos a flexão dos substantivos, para isso procure um bom livro de gramática para lembrar. O ideal é que tenhamos sempre uma gramática normativa e uma descritiva. Boa leitura!!

## **ADJETIVO**

“São adjetivos os lexemas que se empregam tipicamente para significar atributos ou propriedades dos seres e coisas nomeados pelos substantivos.” (AZEREDO, 2008, p.169)

O adjetivo é essencialmente um modificador do substantivo. Serve para caracterizar os seres, objetos ou as noções nomeadas pelo substantivo indicando-lhes: qualidade (ou defeito), modo de ser, aspecto, aparência ou estado; para estabelecer com o substantivo uma relação de tempo, de espaço, matéria, finalidade, propriedade, procedência etc. (CUNHA, 1985, p. 238)

“É a palavra que modifica o substantivo exprimindo aparência, modo de ser ou qualidade” (ROCHA LIMA, 1979, p. 86)

Dessa forma, adjetivos são palavras variáveis que especificam o substantivo, modificando-o, além de estabelecer com o substantivo relações de tempo, de finalidade, etc., como em fluxo *mensal* (tempo), bairro *italiano* (espaço), azeitona *grega* (procedência).

Quanto às funções sintáticas que desempenha nas orações pode ser:

- Adjunto adnominal: “Minha pequena cidade *grande*”
- Predicativo do sujeito: “Aquele professor é *fenomenal*”
- Predicativo do objeto: “O STJ considerou o réu *inocente* da acusação de peculato”

Cabe ressaltar que quando empregamos conjuntos de palavras (normalmente preposições + substantivos ou preposições + advérbios) com valor e função de adjetivo, estamos utilizando as locuções adjetivas como em: “O inimigo é um *adversário de valor*” = *adversário valoroso*.

### **CLASSIFICAÇÃO DOS ADJETIVOS**

Temos adjetivos primitivos quando os signos são constituídos por um radical que não sofre o acréscimo de afixos derivacionais. Podemos dizer que os nomes de cores e alguns outros

como: *triste, feliz, liso, livre*, etc. são primitivos. Já os derivados são formados a partir de outros radicais por meio de acréscimo de afixos derivacionais: infeliz, desconfortável, apavorado.

Os adjetivos pátrios (aqueles que se referem a continentes, países, cidades, etc.) são adjetivos derivados: Minas Gerais (mineiro), Guatemala (guatemalteco) etc.

Assim como os substantivos, temos os adjetivos simples (constituído por um único radical – alegre) e adjetivos compostos (formados por mais de um radical: azul-marinho, médico-hospitalar)

## ARTIGO

“Dá-se este nome às palavras o (com as variações a, os, as) e um (com as variações uma, uns, umas).” (CUNHA, 1985, p.199)

“É a partícula que precede o substantivo; assim à maneira de marca dessa classe gramatical” (ROCHA LIMA, 1979, p. 84)

Chama-se artigo a palavra gramatical variável em gênero e número que, no texto, se antepõe ao substantivo quando o enunciador se refere a uma entidade determinada, já conhecida do interlocutor. O artigo tem, por isso, uma função remissiva no discurso: o referente do substantivo determinado pelo artigo ocupa necessariamente um lugar na memória do interlocutor. (AZEREDO, 2008, p. 180)

O artigo é palavra variável em gênero e número que se antepõe aos substantivos de forma a determiná-los. Podem ser definidos ou indefinidos. Tanto estes quanto aqueles ocorrem em combinação com algumas preposições, como em:

Preposições	Artigo definido	
		O(s)
A	Ao(s)	À(s)
De	Do(s)	Da(s)
Em	No(s)	Na(s)
Por(per)	Pelo(s)	Pela(s)

Preposições	Artigo indefinido	
		Um(s)
Em	Num(s)	Numa(s)
De	Dum(s)	Duma(s)

É importante lembrar que estas combinações não ocorrem quando a preposição que antecede o artigo está relacionada com o verbo de uma oração seguinte e não com o substantivo determinado pelo artigo como em: “Os políticos estão fazendo o que podem para garantir o direito de o povo continuar a ser usurpado.”

Quando o artigo definido estiver anteposto ao substantivo indica um ser determinado ou um ser já conhecido do leitor ou ouvinte particularizando-o, seja porque dele se pressupõe um conhecimento prévio por parte de quem lê, seja porque já foi mencionado anteriormente. Quando for o artigo indefinido anteposto ao substantivo, ele generaliza o ser além de não ter sido mencionado no texto.

Um dos aspectos importantes a ser mencionado diz respeito ao artigo de notoriedade, muito utilizado pela propaganda para apresentar produtos como os melhores de sua natureza, como em “Lupo: **a** grife de todas as grifes”.

Quando o artigo definido **o** for utilizado depois do pronome indefinido **todo** dá ideia de totalidade. “*Todo* livro merece respeito” = (qualquer livro), “*Todo* o livro merece respeito” = (o livro como um todo: capa, contracapa, páginas, etc.).

## NUMERAL

“Servem para indicar uma quantidade exata de coisas ou pessoas, ou para assinalar o lugar que elas ocupam numa série.” (CUNHA, 1985, p. 358)

Palavra que designa os números, ou a ordem de sua sucessão: três, terceiro. Podem-se usar individualmente, com o valor de substantivo ou como adjetivos, isto é, junto de um substantivo, ao qual acrescentam uma indicação de quantidade ou de ordem. (ROCHA LIMA, 1979, p. 95)

“Chamam-se numerais as palavras lexicais de natureza substantiva ou adjetiva que possibilitam a referência a conceitos e objetos como dados passíveis de quantificação exata: dois gatos, quinze dias, cento e vinte bois, mil soldados.” (AZEREDO, 2008, p.173)

É a classe que indica número ou quantidade exata de seres ou o lugar por eles ocupado em uma série. Sintaticamente, ocupam as seguintes funções:

Adjunto adnominal de um núcleo: quando acompanha um substantivo, tendo valor de adjetivo: “*Os quinhentos mil reais* na mala foram entregues a Loures.”

Núcleo de sintagmas nominais em funções de sujeito, objeto, predicativo ou adjunto adnominal, tendo valor de substantivo: “Peguei o *primeiro* que encontrei.”

Temos os numerais cardinais, que designam o número dos seres (um, dois, três...); os ordinais que indicam a ordem dos seres em uma sequência (primeiro, segundo...), multiplicativos que indicam aumento proporcional por meio de múltiplos da quantidade tomada por base (dobro, triplo...), fracionários (que indicam diminuição proporcional por meio de frações da quantidade tomada por base (metade, um terço...), coletivos que indicam o número exato de um conjunto (cento, par, novena...)

## PRONOME

“Os pronomes desempenham na oração as funções equivalentes às exercidas pelos elementos nominais [...]. Os pronomes pessoais se caracterizam por denotarem as três pessoas gramaticais.” (CUNHA, 1985, p. 268)

“É a palavra que denota o ente ou a ele se refere, considerando-o apenas como pessoa do discurso.” (ROCHA LIMA, 1979, p. 98)

[...] estas formas representam a categoria gramatical de pessoa, que é a propriedade que tem a linguagem de permitir que o enunciador se refira a si próprio e aos personagens do ato comunicativo, não como indivíduos, mas apenas como participantes do discurso. (AZEREDO, 2008, p. 174)

Podemos afirmar que pronome é a palavra variável que identifica, na língua, os participantes da interlocução (1ª e 2ª pessoas discursivas) e os seres, eventos ou situações aos quais o discurso faz referência (3ª pessoa do discurso). Pela sua função referencial, os pronomes são importantes elementos para o estabelecimento da coesão textual.

Quanto à função no enunciado, o pronome pode ocupar o lugar dos substantivos, ou acompanhá-los, antecedendo-os ou seguindo-os, de forma a explicitar a relação dos seres referidos pelos substantivos com as pessoas do discurso.

Em “Dia dos namorados chegando e o *meu* ainda não nasceu”, o pronome *meu* substitui o substantivo namorado. Em: “No dia dos namorados, *todo* presente gostaria de ser um Sonho de Valsa”, o pronome *todo* acompanha o substantivo *presente* tendo função adjetiva.

Os pronomes são classificados em pessoais, possessivos, demonstrativos, indefinidos, relativos e interrogativos. Vamos lembrar cada um deles.

Pronomes pessoais fazem referência explícita e direta às pessoas do discurso, tendo um caráter dêitico. São classificados de acordo com a posição que a pessoa por eles identificada ocupa na interlocução.

1ª pessoa	Eu (singular); nós (plural)
2ª pessoa	Tu (singular); vós (plural) Pronomes de tratamento que, embora empregados com a forma verbal de 3ª pessoa, referem-se à 2ª pessoa do discurso Você (singular) vocês (plural) O senhor, a senhora Vossa Excelência
3ª pessoa	Ele, ela (singular), eles, elas (plural)

Dois pontos merecem destaque: o fato de que em uma interlocução, a 1ª pessoa é quem fala, o enunciador do discurso. A 2ª pessoa identifica o interlocutor, a pessoa a quem o enunciador se dirige. A 3ª pessoa refere-se ao assunto, aquilo sobre o que falam os dois interlocutores. Outra questão diz respeito ao pronome nós que pode ser utilizado para promover a generalização do discurso (como em textos argumentativos, expositivos) manifestando a visão da objetividade, tirando o caráter pessoal. “Nós vivemos no paraíso da corrupção.” em que nós dá sentido de totalidade.

Os pronomes pessoais são divididos em pessoais do caso reto e do caso oblíquo.

Pessoas do discurso	Pronomes pessoais do caso reto	Pronomes pessoais oblíquos	
		Átonos	Oblíquos
Singular 1ª pess.	Eu	Me	Mim, comigo
2ª pess.	Tu	Te	Ti, contigo
3ª pess.	Ele, ela	O, a, lhe, se	Ele, ela, si, consigo
Plural 1ª pess.	Nós	Nos	Nós, conosco
2ª pess.	Vós	Vos	Vós, convosco
3ª pess.	Eles, elas	Os, as, lhes, se	Eles, elas, si, consigo

Os pronomes pessoais do caso reto exercem a função de sujeito, predicativo do sujeito da oração ou vocativo (somente os pronomes tu e vós), enquanto os pronomes pessoais do caso oblíquo, quando tônicos, desempenham as funções de objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, adjunto adverbial ou agente da passiva, e quando átonos: objeto direto, objeto indireto, adjunto adnominal, sujeito de verbo no infinitivo. Assim em “Ele pediu para *mim* fazer um bolo.”, o emprego de *mim* está fora da norma padrão, pois exerce a função de sujeito do verbo fazer devendo ficar “Ele pediu para *eu* fazer um bolo.”.

Também vale lembrar ação reflexiva que os pronomes indicam. Por exemplo, os pronomes *se, si, consigo* são formas de 3ª pessoa usadas para indicar que o objeto direto ou indireto do verbo, ou seu adjunto adverbial de companhia, tem por referente o mesmo ser referido pelo sujeito da oração, como em “Os acadêmicos trouxeram *consigo* a gramática.” A ação reflexiva vem expressa pelas formas átonas, *me, te, nos, vos* quando diz respeito à 1ª e 2ª pessoa do discurso. Assim, não se deve dizer “Eu *se* cortei.”, mas “Eu *me* cortei.”, nem “Nós *se* cortamos.”, mas “Nós *nos* cortamos.”

#### ALGUNS MACETES:

As formas eu e tu não devem ser usadas depois de preposições, a menos que essas formas desempenhem a função de sujeito de verbo no infinitivo:

Este livro é para mim.

Este livro é para eu ler.

Conosco e convosco podem ser substituídas por com nós e com vós sempre que vierem acompanhadas de palavra que reforça seu sentido como: próprios, mesmos, outros, todos, ambos, ou por algum numeral:

Ela vai ter que conviver conosco neste apartamento.

Ela vai ter que conviver com nós todos neste apartamento.

## PRONOMES DE TRATAMENTO

Designam o interlocutor no discurso, funcionando como pronomes pessoais. Olhe em sua gramática a lista dos principais pronomes de tratamento em nossa língua.

## PRONOMES POSSESSIVOS

Fazem referência às pessoas do discurso, indicando uma relação de posse, mantendo uma estreita relação com os pronomes pessoais, pois designam aquilo que cabe ou pertence aos seres referidos pelos pronomes pessoais.

1ª pessoa	Meu(s) , minha(s), nosso(s), nossa(s)
2ª pessoa	Teu(s), tua(s), vosso(s), vossa(s)
3ª pessoa	Seu(s), sua(s), seu(s), sua(s)

Os pronomes possessivos normalmente são antepostos ao substantivo, porém quando pospostos admitem efeitos de sentido interessantes, como em: “Meu filho não tira notas baixas.”, “Filho meu não tira notas baixas.”, em que no primeiro enunciado há uma constatação, porém no segundo enunciado deixa-se claro que em hipótese alguma seu filho tira notas baixas. Os pronomes oblíquos me, lhe e te podem ser usados como possessivos como em: “Amarrei-lhe os cabelos com fitas de seda.” = “Amarrei os cabelos dela.”

Os pronomes possessivos quando acompanham substantivos são denominados de pronomes adjetivos e funcionam como adjuntos adnominais: “Deixei nossas fotos em teu smartphone.” Quando tem valor de substantivo (núcleo de sintagmas nominais) são chamados de pronomes substantivos, como em “Aqui estão os textos. Procure os teus.”

Sintaticamente, podem ser:

- Sujeito: Os **seus** são aqueles!
- Predicativo do sujeito: Esta prova é **minha**.
- Vocativo: Ô **meu**, sai pra lá!
- Objeto direto: Quanto aos livros, Edson trouxe apenas o **meu**.
- Objeto indireto: De todos os livros, preciso do **teu**.
- Complemento nominal: Quanto aos livros, não tenho mais necessidade do **teu**.
- Adjunto adverbial: Faça o texto no caderno, que eu faço no **meu**.
- Agente da passiva: Meu filho foi chantageado pelo **seu**.

### **PRONOMES DEMONSTRATIVOS**

São aqueles que fazem referência às pessoas do discurso, estabelecendo, entre elas e os seres por eles designados, uma relação de proximidade ou distanciamento, no tempo e no espaço. Também mantêm estreita relação com os pronomes pessoais, porque indicam, com relação às pessoas do discurso, o que delas está próximo ou distante, tanto no tempo quanto no espaço, tendo, portanto, função de

1ª pessoa	Este(s), esta(s), isto
2ª pessoa	Esse(s), essa(s), isso
3ª pessoa	Aquele(s), aquela(s), aquilo

Cabe salientar que: os pronomes *o, a, os, as* são considerados possessivos quando seu sentido for equivalente a isto, isso, aquilo, aquele, aquela, aqueles, aquelas: “O (aquele) que chegar

por último é mulher do padre.” Também as palavras mesmo(s), próprio(a)(s), semelhante(s), tal e tais quando determinam substantivos são pronomes demonstrativos: “Ele sabia que *tais* mentiras continuariam a assombrar a vida.”

Os pronomes *este* (e suas flexões de gênero e número) e *isto* indicam proximidade espacial com relação à 1ª pessoa do discurso. Este indica também tempo presente em relação à 1ª pessoa. “Isto cheira mal”, “Nesta noite veremos Quântico.” Por sua vez, esse (e suas flexões de gênero e número) e isso indicam proximidade espacial com relação à 2ª pessoa do discurso, além de indicar tempo passado ou futuro pouco distante com relação à época em que ocorre a interlocução: “Esse texto está muito bom, Adrian.” “As notas da prova saem nessa terça.” Os pronomes aquele (e suas flexões de gênero e número) e aquilo indicam distanciamento espacial com relação à 1ª e 2ª pessoa do discurso, e também indica tempo passado vago ou muito remoto: “Aquilo no céu é um avião ou um OVNI.”, “Naquele tempo, bastava a palavra para selar o negócio.”

### **PRONOMES INDEFINIDOS**

Fazem referência à 3ª pessoa do discurso de uma maneira indefinida, vaga, imprecisa ou genérica. Alguns pronomes variam quanto ao gênero e ao número (algum, nenhum, um, muito, todo, pouco, outro, vários, certo, tanto, quanto) e outros apenas quanto ao número (qualquer, quaisquer, qual, quais, bastante, bastantes). Outros, porém, são invariáveis (alguém, ninguém, quem, que, outrem, algo, tudo, nada, cada, mais, menos, demais).

### **PRONOMES INTERROGATIVOS**

São assim denominados apenas pelo critério formal de estrutura que considera as interrogações diretas ou indiretas, nas quais essas formas são utilizadas. São eles: que, quem, qual, quanto: “Qual é o local da prova” (pergunta direta), “Os candidatos querem saber qual é o local da prova” (pergunta indireta).

O pronome *quem* faz referência a seres humanos, enquanto o pronome *que* se refere a não humanos. “*Quem* era ao telefone?” “*Que* importa?”

## PRONOMES RELATIVOS

Também definidos a partir do critério formal em que fazem referência a algum elemento anteriormente mencionado no texto, considerado seu antecedente. Também introduzem orações subordinadas adjetivas.

“A bebida que tomei é forte.”

O pronome que retoma o antecedente bebida, estabelecendo uma relação de natureza anafórica (anáfora é o processo linguístico por meio do qual um termo retoma outro termo que o antecedeu em um texto).

Os pronomes o qual (e suas flexões de gênero e número), cujo (e suas flexões de gênero e número), quanto (e suas flexões de gênero e número) são pronomes relativos variáveis, enquanto os pronomes que, quem, onde, quando, como são invariáveis.

O pronome cujo e suas flexões são pronomes relativos com função adjetiva, exercendo a função de adjuntos adnominais “Os políticos cuja atuação merece repúdio está cada vez mais frequente.” Os demais pronomes ocorrem em função substantiva (sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, adjunto adverbial, agente da passiva).

O pronome que toma como antecedentes tanto seres humanos como quaisquer outros seres ou objetos, no singular ou no plural. Porém, seu uso pode resultar em ambiguidade. “Este é Jorge, um dos amigos de Roberta, que também namora Moana.” Para retirar a ambiguidade, o recomendável é trocar pelo pronome relativo o qual.

O pronome quem refere-se a seres humanos, enquanto o pronome cujo (e suas flexões) assinalam uma relação de posse entre o antecedente e o termo que especificam, equivalendo a: de quem, do qual, de que.

O pronome onde quando indica lugar pode ser substituído por em que. Já os termos quando e como são pronomes relativos quando, depois de um substantivo, introduzem uma

oração subordinada adjetiva que especifique tempo (quando) e modo (como). “Esta é época do ano quando (durante a qual) florescem as laranjeiras.” Os termos quanto, quantos e quantas são pronomes relativo quando introduzem orações subordinadas adjetivas após os pronomes indefinidos tudo, todos, todas. “Faça de conta que tudo quanto (aquilo que) eu disse é invenção.”

## VERBO

“Palavra de forma variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo. [...] Sua função é predicado, a única que desempenha na estrutura oracional.” (CUNHA, 1985, p. 367)

“Denota ação, estado ou fenômeno. É a parte da oração mais rica em variações de forma ou acidentes gramaticais. Estes acidentes gramaticais fazem que ele mude de forma para exprimir cinco ideias: voz, modo, tempo, número e pessoa.” (ROCHA LIMA, 1979, p. 107)

“Do ponto de vista estritamente morfológico, verbo é a espécie de palavra que ocorre nos enunciados sob distintas formas (vocábulos morfossintáticos) para a expressão das categorias de tempo, aspecto, modo, número e pessoa.” (AZEREDO, 2008, p. 180)

É a palavra que pode variar em número, pessoa, modo, tempo e voz, indicando ações, processos, estados, mudanças de estado e fenômeno da natureza.

Sintaticamente, ocupa o núcleo do sintagma verbal ou predicado. Morfologicamente, o verbo é formado pelo radical, vogal temática (indica conjugação) e desinências modo-temporais e desinências número-pessoais.

Normalmente, as maiores preocupações na escola quando se fala em verbo têm a ver com as suas conjugações. Conjugação um verbo significa apresentar todas as formas em que um

determinado radical pode se manifestar ao flexionar-se, ao receber a vogal temática da conjugação e os sufixos de modo-tempo e sufixos de número-pessoa.

Há, na língua portuguesa, três conjugações verbais:

- **1ª conjugação** – indicada pela vogal temática -a- (amar, cantar)
- **2ª conjugação** – indicada pela vogal temática -e- (beber, sofrer)
- **3ª conjugação** – indicada pela vogal temática -i – (sorrir, ferir)

Quanto às flexões verbais:

- **Número:** aparecem no singular ou no plural;
- **Pessoa:** são formalmente marcadas as pessoas do discurso (Eu, tu, ele, nós, vós, eles). Um caso interessante é o dos pronomes de tratamento você(s), senhor(a) e outros que se manifestam formalmente na 3ª pessoa, mas fazem referência à segunda pessoa.
- **Modo:** indica a atitude do falante com relação ao conteúdo de seus enunciados. Indicativo (o conteúdo do enunciado é tomado pelo falante como certeza), Subjuntivo (o conteúdo do enunciado é tomado pelo falante como duvidoso) e Imperativo (o conteúdo do enunciado expressa uma atitude de mando, conselho, súplica).
- **Tempo:** toma-se como referência o momento da enunciação e os fatos expressos pelo verbo referem-se a um momento presente (momento em que se fala), a um momento passado ou pretérito (momento anterior em que se fala) e a um momento futuro (posterior ao momento em que se fala)

### **EMPREGO DOS TEMPOS VERBAIS DO INDICATIVO**

- **Presente:** indica o momento em que ocorre a ação e este corresponde ao momento em que é expressa, além de expressar ação habitual e afirmações de verdade.
- **Pretérito imperfeito:** indica um fato que aconteceu no passado e se prolonga por algum tempo: “Ele tomava café frio pela manhã.”
- **Pretérito perfeito:** indica um fato perfeito e acabado no passado: “Ela ganhou na loteria.”

- **Pretérito mais-que-perfeito:** indica um fato ocorrido no passado, anterior a outro fato também passado. “Quando cheguei, ele já saíra.”
- **Futuro do presente:** indica um fato futuro com relação ao momento presente: “Tirarei boas notas na prova.”
- **Futuro do pretérito:** indica um fato futuro, que pode ou não ocorrer, relacionado a um fato passado. “Tinha certeza de que tiraria boas notas na prova.”

### **EMPREGO DOS TEMPOS VERBAIS DO SUBJUNTIVO**

São utilizados em estruturas subordinadas, nas quais mantêm uma relação com o tempo e modo da ação expressa na oração principal.

- **Presente:** aparece associado ao tempo presente “É muito triste que alguns políticos continuem a usurpar o povo.”, ou ao tempo futuro “Irei para Pasárgada assim que não precise mais trabalhar.”
- **Pretérito imperfeito:** expressa uma possibilidade de realização da ação em um momento determinado e aparece associado ao tempo presente “Se eu tivesse dinheiro, viajaria o mundo.”, associado ao tempo passado “Não havia chocolate que ela não comesse.” ou associado ao tempo futuro “Talvez pudesse ter aproveitado mais a vida, se não pensasse no amanhã.”
- **Futuro:** indica uma eventualidade da realização de um fato em momento futuro “Se eu estudar mais, vou ser o número 1 da turma.”

### **EMPREGO DO IMPERATIVO:**

- Pode ser afirmativo ou negativo, mas sempre com sentido presente.

Quanto aos demais aspectos do verbo, consulte a sua gramática.

## ADVÉRPIO

“Palavra que se junta a verbos, para exprimir circunstâncias em que se desenvolve o processo verbal, e a adjetivos; para intensificar uma qualidade.” (CUNHA, 1985, p. 529)

“São palavras modificadoras do verbo. Servem para expressar as várias circunstâncias que cercam a significação verbal.” (ROCHA LIMA, 1979, p. 153)

O advérbio é a mais heterogênea das classes de palavras. Suas características típicas, além da invariabilidade formal, são a função modificadora e a mobilidade posicional em relação ao termo que ele modifica. Existem várias subclasses semânticas e sintáticas de advérbio. (AZEREDO, 2008, p. 192-193)

São palavras invariáveis que se associam aos verbos indicando as circunstâncias da ação verbal. Também se associam aos adjetivos, especificando as qualidades por eles expressas, e a outros advérbios intensificando o seu sentido.

Sintaticamente, exercem a função de adjuntos adverbiais “Eles jamais chegam atrasados às aulas”. Veja a classificação em sua gramática.

Cabe lembrar a confusão feita com algumas palavras que não pertencem a uma classe morfológica específica, por não se enquadrarem nos critérios morfológicos e sintáticos que definem essas classes. São as palavras denotativas, muitas vezes, confundidas com advérbios. Estas palavras são classificadas a partir do sentido que acrescentam ao enunciado. Podem ser de inclusão (até, inclusive, mesmo, até mesmo, também), exclusão (apenas, senão, salvo, só, somente), designação (eis), de realce (cá, lá, só, é que), de retificação (aliás, ou melhor, ou antes, isto é, melhor dizendo) e de situação (afinal, agora, então, mas, e aí – “Mas como é mesmo seu nome?”

## PREPOSIÇÃO

“Chamam-se preposições os vocábulos gramaticais invariáveis que relacionam dois termos de uma oração de tal modo que o sentido do primeiro (antecedente) é explicado ou completado pelo sentido do segundo (consequente).” (CUNHA, 1985, p. 542)

“São palavras que subordinam um termo da frase a outro, o que vale dizer que tornam o segundo dependente do primeiro.” (ROCHA LIMA, 1979, p. 157)

Chama-se preposição a palavra invariável que precede uma unidade nominal – substantivo, pronome substantivo, infinitivo – convertendo-a em constituinte de uma unidade maior. Por estar sempre apta a originar construções ou locuções de caráter adjetivo ou adverbial, a preposição é, sobretudo, do ponto de vista sintático, um transpositor. (AZEREDO, 2008, p. 196)

São palavras invariáveis que conectam termos de sintagmas, criando entre eles uma relação de sentido. Classificam-se em essenciais (sempre atuam como preposições – a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás) e acidentais (pertencem a outras classes gramaticais, mas funcionam como preposições em certos enunciados – afora, conforme, durante, exceto, fora, salvo, segundo, etc.).

Também temos as locuções prepositivas que são duas ou mais palavras que funcionam como preposições. Em uma locução prepositiva, a segunda palavras do conjunto é sempre uma preposição essencial. Consulte a sua gramática e atente para os sentidos das preposições nos enunciados.

## CONJUNÇÃO

“Os vocábulos gramaticais que servem para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração chamam-se conjunções.” (CUNHA, 1985, p. 565)

“São palavras que relacionam entre si: dois elementos da mesma natureza (coordenativas) ou duas orações de natureza diversa, das quais a que começa pela conjunção completa a outra ou lhe junta uma determinação (subordinativa).” (ROCHA LIMA, 1979, p. 160)

Chama-se conjunção subordinativa a palavra invariável que, anteposta a uma oração com verbo flexionado em tempo, forma com ela um sintagma derivado. [...] Chama-se conjunção coordenativa a espécie de palavra gramatical que une duas ou mais unidades (palavras, sintagmas ou orações) da mesma classe formal e mesmo valor sintático. (AZEREDO, 2008, p. 198)

São palavras invariáveis que conectam orações, estabelecendo entre eles uma relação de subordinação (dependência) ou de simples coordenação, o que estabelece sua classificação em subordinativas e coordenativas. Procure em sua gramática a classificação das conjunções.

As locuções conjuntivas são duas ou mais palavras que conectam orações, estabelecendo entre elas uma relação de subordinação (dependência) ou de simples coordenação. São geralmente formadas por advérbios, preposições e participios seguidos da conjunção que.

## INTERJEIÇÃO

“É uma espécie de grito com que traduzimos de modo vivo nossas emoções.” (CUNHA, 1985, p. 577)

“É a palavra que exprime emoção.” (ROCHA LIMA, 1979, p. 165)

São palavras invariáveis que exprimem sensações e estados emocionais, como em: viva!, arre!, avante!, bravo!, puxa!, alô!, silêncio! Assumem o papel de locução interjetiva quando são grupos de duas ou mais palavras: Valha-me Deus! Cruz credo!

**PARA SABER MAIS**, leia os artigos:

5 Do artigo ao determinante



6 Ensinar Gramática na escola

## UNIDADE 3

### *PROCESSOS DE COESÃO*

Como você viu em Laboratório de Leitura e Produção textual, a língua dispõe de muitos mecanismos que estabelecem relações entre palavras, entre orações e entre partes do texto. Nos estudos realizados acerca dos mecanismos de coesão textual, podem-se destacar os de Halliday & Hassan, que dividiram os elementos coesivos em: referência, substituição, elipse, conjunção e coesão lexical. Veremos cada um enfatizando o processo de referenciação.

#### **COESÃO REFERENCIAL**

É a responsável por criar no interior do texto um sistema de relação entre palavras e expressões a fim de permitir que o interlocutor/leitor identifique os referentes sobre os quais se fala no texto. O mecanismo de referência remete a um termo do texto (endofórico) ou externo a ele (exofórico).

**REFERÊNCIA EXOFÓRICA** – Quando remete a um elemento exterior ao texto, fora dele.

No enunciado: “A mensagem desse outdoor é um absurdo.” a referência (desse) é exofórica, uma vez que remete a algo que está fora do texto (no caso, o outdoor).

“A gente era pequena naquele tempo. E aquele era um tempo em que ainda se apregoava nas ruas. Não em todas as ruas, mas naquela onde vivíamos. Naquela rua, que tinha por nome a data de um santo, o tempo passava mais lentamente do que no resto da cidade de Porto Alegre.”

(Trecho inicial de uma crônica, postada no site <http://revistagloborural.globo.com>, por Letícia Wierzchowski acesso em 20 de maio de 2017)

Notem que as expressões em destaque se referem a informações externas ao texto.

**REFERÊNCIA ENDOFÓRICA** – A remissão é feita a um termo que se encontra dentro do texto.

Em: “O Julgamento da chapa Dilma/Temer pelo TSE não satisfaz a maioria da população brasileira. Ele confirmou o clima tenso de corrupção e impunidade reinante no país.” O termo ele remete a um outro termo do texto, julgamento da chapa Dilma/Temer.

Assim, a referência endofórica pode ser:

**ANAFÓRICA:** processo pelo qual os termos anafóricos retomam, no decorrer do discurso, o antecedente já mencionado e respectivo valor, mantendo-se ativo durante a progressão textual. No caso da frase apresentada anteriormente, a referência é anafórica, já que o termo remetente (julgamento da chapa Dilma/Temer) encontra-se antes do termo remissivo (ele).

Não consegui passar o recado para seu pai, pois, quando eu voltei, ele já havia ido embora. (ele -> termo anafórico)

**CATAFÓRICA:** processo semelhante ao da anáfora, mas em que o(s) termo(s) correferente(s) surge(m) antes do elemento linguístico que indica o referente, quando o termo remetente se segue no texto. Dessa forma, na frase “Gosto de todos os seus planos, menos este: o de parar com os estudos.” o termo remissivo (este) vem antes do trecho remetente (o de parar com os estudos)

Lá estava ela, ali parada, minha amiga! (ela -> termo catafórico)

**Lembrem-se:**

ISSO, ESSA, ESSE (e demais contrações) - ANAFÓRICOS

ISTO, ESTA, ESTE (e demais contrações) - CATAFÓRICOS

Observem:

I) A violência cresce a cada dia no Brasil. Esse problema deve ser combatido por meio de medidas mais eficazes.

II) No Brasil, o problema é este: a violência.

Notem como, na frase I, a referência foi feita anteriormente, portanto o pronome esse tem função anafórica. Já na frase II, o referente violência está localizado posteriormente, logo o pronome este desempenha função catafórica.

## **SUBSTITUIÇÃO**

A substituição é parecida com a referência, mas Halliday & Hassan a distinguem. Para eles, na substituição, diferentemente da referência, o elemento remissivo não é o mesmo que o referente. Observe o seguinte enunciado:

“Amanda comprou um casaco preto, mas Janaína resolveu comprar um vermelho.”

Desse jeito, o referente sofreu uma redefinição. O casaco pretendido por Janaína tem uma característica diferente do de Amanda. Aí a cor preta é repudiada.

## ELIPSE

A elipse consiste na supressão de um termo que pode ser facilmente identificado a partir do contexto. Assim, substitui-se um léxico, uma oração, um enunciado por zero ( $\emptyset$ ).

- Roxane saiu ontem?
- $\emptyset$  Saiu  $\emptyset$ .

No exemplo acima, não foi preciso, na resposta, dizer “Roxane saiu ontem”. Apesar da supressão de *Roxane* e de *ontem*, a mensagem pôde ser facilmente compreendida. O próprio contexto da situação comunicativa foi capaz de propiciar a compreensão da resposta dada. Portanto, as lacunas deixadas não prejudicaram a mensagem.

## CONJUNÇÃO

A conjunção (ou conexão) tem a propriedade de relacionar as partes de um texto (elementos ou orações). Estas relações têm uma especificidade. Veja o exemplo:

“Márcio estudou bastante, mas não conseguiu ir bem na prova.”

## COESÃO LEXICAL

A coesão lexical caracteriza-se a partir de dois mecanismos: a reiteração e a colocação.

**REITERAÇÃO** – Consiste na repetição do referente ou por meio de sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos.

“Gosto muito de colocar tomilho na comida. A especiaria é divina.”

No trecho acima, especiaria é hiperônimo de tomilho. Nesse caso, temos um exemplo de coesão lexical por reiteração.

Em “Morri de medo quando vi a cobra. Aquela coisa me fez passar mal.”, temos também um exemplo de coesão lexical por reiteração. Dessa vez, ocorre pela presença de um termo

genérico (coisa). O mesmo tipo de coesão se vê na frase “A menina saiu correndo. A garotinha realmente estava com pressa.”

Só que, dessa vez, a coesão se dá a partir de um sinônimo de menina (garotinha).

**COLOCAÇÃO (OU CONTIGUIDADE)** – Consiste na disposição de termos, no decorrer do texto, com mesmos traços semânticos.

No trecho “O professor começou a aula com uma poesia. Na escola comemorava-se a paz.” pode-se perceber que professor, aula e escola são facilmente relacionados por nós, não é?! Assim, elas pertencem a um mesmo campo significativo ou semântico.

Segundo Fávero (2009), existem três tipos de coesão: Referencial (substituição e reiteração), Recorrential (paralelismo, paráfrase, recursos fonológicos, segmentais e suprasegmentais) e Sequencial (temporal e por conexão).

## ***O PROCESSO DE REFERENCIAÇÃO***

A referenciação consiste na construção e reconstrução de objetos de discurso, em que “a discursivização ou textualização do mundo por meio da linguagem não consiste em um simples processo de elaboração de informações, mas num processo de (re)construção do próprio real”. (KOCH, 2015, p. 67)

Para que possamos aprofundar nossos estudos acerca da temática leia os textos abaixo:

A referenciação textual numa abordagem cognitiva (download)

De acordo com Koch; Elias (2011), é possível visualizar as seguintes estratégias de referenciação na construção dos referentes textuais:

Introdução (construção): um 'objeto' até então não mencionado é introduzido no texto [...]

Retomada (manutenção): um 'objeto' já presente no texto é reativado por meio de uma forma referencial, de modo que o objeto-de-discurso permaneça em foco [..]

Desfocalização: quando um novo objeto-de-discurso é introduzido, passando a ocupar a posição focal. O objeto retirado de foco, contudo, permanece em estado de ativação parcial (stand by), ou seja, ele continua disponível para utilização imediata sempre que necessário. Vejamos o exemplo:

Porto

Ana Maria Braga (introdução) vai se desfazer de dois de seus três barcos. A apresentadora (retomada) está procurando comprador para as lanchas Âmbar I, de 47 pés, e Âmbar II, de 52 pés. Ela (retomada) pretende ficar apenas com Shambhala, o trawler de 85 pés que inclui até tv de tela plana na sala de estar. (desfocalização). Lanchas com essas dimensões (desfocalização) custam entre R\$ 450 mil e R\$ 600 mil. (KOCH; ELIAS, 2011, p. 12-126)

O processo referencial realiza-se por meio de anáforas e catáforas como já vimos anteriormente.

Leia os textos abaixo para maior compreensão sobre os tipos de anáfora direta, indireta, associativa e encapsuladora:

Anáfora: Mecanismo Coesivo de Referência Textual

O Papel da Anáfora Indireta na Progressão Textual

Processos referenciais - Texto e Ensino

Referência Anafórica ou Anáfora

Anáforas Associativas

**PARA SABER MAIS**, leia os artigos *Linguagem e cognição: a construção e reconstrução de objetos-de-discurso*, *O uso de estratégias de referência em textos escritos por adolescentes considerados portadores de dificuldades de leitura e escrita* e *Processos de referência para se aprofundar sobre a temática*.

## UNIDADE 4

### MODALIZAÇÃO

A modalização recebe diferentes tratamentos por parte dos linguistas. Conforme aponta Neves (2006), vários fatores podem contribuir para a diversidade de abordagem do tema, como a variação da própria conceituação do termo, o campo de estudo envolvido (Semântica, Pragmática, Retórica, Análise do Discurso, etc.), as orientações teóricas assumidas e a ênfase em um ou outro tipo de modalidade.

Projeto Pasárgada

O importante é que os modalizadores têm a ver com o grau de verdade que o locutor se manifesta em seus enunciados.

Para Neves (2006, p. 152),

[...] todo ato de enunciar implica modalizar: 'se a modalidade é, essencialmente, um conjunto de relações entre o locutor, o enunciado e a realidade objetiva, é cabível propor que não existam enunciados não modalizados', seja por palavras, diagramação ou até mesmo organização textual.

### TIPOS DE MODALIZADORES

- **MODALIZAÇÕES LÓGICAS:** expressam a possibilidade e certeza por meio de expressões como: “é possível que”, “Tenho certeza que”, etc.
- **MODALIZAÇÕES DEÔNTICAS:** dizem respeito à necessidade ou obrigação, por meio de modalizadores como “Você deve”, “é preciso”, etc
- **MODALIZAÇÕES APRECIATIVAS:** demonstram o julgamento do enunciador com modalizadores do tipo: “felizmente”, “Fielmente”, etc.

Exemplos:

“O Brasil vive uma era de corrupção”.

“O Brasil vive lamentavelmente uma era de corrupção”.

Alguns autores ainda falam em **modalizadores Epistêmicos** que se referem ao eixo do saber (certeza/ probabilidade) e revelam o grau de conhecimento do sujeito falante, em relação ao que se expõe. Podem expressar certeza ou probabilidade, por isso correspondem aos eixos do CRER e do SABER. Advérbios que podem ocorrer nesse tipo de modalização: realmente, naturalmente, obviamente, seguramente, certamente, inegavelmente, exato, claro, lógico, sem dúvida etc. Também podem ocorrer adjetivos com função predicativa: certo, seguro, evidente etc. Pode ser marcada por: verbo auxiliar poder; advérbios possivelmente e talvez.

## ***DIFERENTES RECURSOS LINGUÍSTICOS***

**PROSÓDIA** (vocalização das palavras): como nos alongamentos vocálicos - “trabalhei muiiito, mas muito mesmo”;

**MODOS VERBAIS**: os verbos auxiliares - dever, poder, querer, achar, crer, acreditar;

**ADJETIVOS**: sozinhos ou em expressões – é possível, é claro, é desejável;

**ADVÉRBIOS**: como possivelmente, exatamente, obviamente;

**SINTAGMAS PREPOSICIONADOS**: em função adverbial – na verdade, em realidade, por certo.

Em Laboratório de Leitura e Produção Textual vocês discutiram a respeito da teoria dos gêneros. Muito bem, Bronckart, que trabalha com os gêneros na perspectiva do Interacionismo socio-discursivo também aborda a questão das modalizações. Vejamos que gêneros textuais podem ser analisados a partir de textos empíricos que correspondem às unidades comunicacionais globais que interpretam a atividade de linguagem em que se inserem. Todo texto adota e adapta modelos de texto/gênero já existentes.

Para o Bronckart, as modalizações podem ser classificadas em quatro funções: modalizações lógicas, deônticas, apreciativas e pragmáticas. As modalizações lógicas, como o próprio nome diz, valem-se dos fatos a fim de apresentá-los a partir de condições de verdade. Sua função é avaliar elementos do conteúdo temático embasada em critérios e conhecimentos do mundo objetivo. As deônticas são avaliações fundamentadas em regras do mundo social e mostram os elementos ligados ao domínio das normas, do direito e da obrigação moral. Tanto as modalizações lógicas quanto as deônticas podem manifestar-se pelo tempo verbal (pretérito perfeito), por auxiliares de modo, advérbios ou locuções adverbiais e orações impessoais.

As apreciativas manifestam expressões de sentimentos e emoções, portanto, as avaliações têm cunho subjetivo e são marcadas por advérbios ou orações adverbiais. Por último,

as pragmáticas auxiliam a compreensão das ações de um determinado agente e se manifestam pelos auxiliares de modo.

Assim, para Bronckart, nas diversas práticas interacionais, as ações de linguagem exigem do agente a tomada de algumas decisões para elaborar um texto: precisa escolher um gênero e depois determinar a infraestrutura geral do texto (selecionar os tipos de discurso e, portanto, as configurações do mundo discursivo, escolher as sequências, os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos).

Resumidamente, são quatro as funções da Modalização para Bronckart:

**Lógica:** avaliação do conteúdo temático a partir do mundo objetivo;

**Deôntica:** avaliação do conteúdo temático a partir do mundo social;

**Apreciativa:** avaliação do conteúdo temático a partir do mundo subjetivo;

**Pragmática:** responsabilidade de uma entidade constitutiva do conteúdo temático (personagem, grupo, instituição) que atua como agente (BRONCKART,2003, p.144)

**PARA SABER MAIS,** leia os artigos:

7 Da língua ao discurso



8 A modalização estabelecida como núcleo argumentativo de porções textuais



## UNIDADE 5

### OPERADORES ARGUMENTATIVOS

A linguagem é essencialmente argumentativa, como postula Koch (2004) e para demonstrarmos este caráter dispomos de uma série de mecanismos linguísticos para enfatizar a força argumentativa dos enunciados, afinal, não há discurso neutro. Como vimos em textualidade, todo texto possui uma intencionalidade.

O nome dado a esses mecanismos é operadores argumentativos, os quais podem ser conjunções de vários tipos.

Operadores argumentativos: recursos essenciais ao direcionamento discursivo

O uso de Operadores Argumentativos em notícias online

A expressão operadores argumentativos designa certos elementos da gramática de uma língua que têm por função indicar (mostrar) a força argumentativa dos enunciados, a direção (sentido) para o qual apontam. Esses operadores ligam sintaticamente as sentenças umas às outras. “São palavras que têm a função de opor um enunciado que está sendo proferido a um já dito. O operador argumentativo mais característico é a conjunção mas.” (Bonini, 2005, p. 221)

Os operadores argumentativos são classificados em nove tipos, de acordo com as funções (relações semânticas) que desempenham. A seguir, colocamos alguns exemplos com base nos estudos desenvolvidos por Koch (2004):

a) operadores que assinalam o argumento mais forte dentro de uma escala que direciona para determinada conclusão: até, mesmo, até mesmo, inclusive. Exemplo: “A apresentação foi coroada de sucesso: estiveram presentes personalidades do mundo artístico, pessoas influentes do meio político e até mesmo o Presidente da República.”;

b) operadores que somam argumentos a favor de uma mesma conclusão: e, também, ainda, nem, não só... mas também, tanto... como, além de, além disso, a par de. Exemplo: “Além de todas estas oposições há aqueles que afirmam que a lei dá uma margem de interpretação muito grande.”;

c) operadores que introduzem uma conclusão relacionada a um argumento apresentado anteriormente: portanto, logo, pois, por conseguinte, pois em decorrência, conseqüentemente. Exemplo: “O custo de vida continua subindo, as condições de saúde do povo brasileiro são péssimas e a educação vai de mal a pior. Portanto não se pode dizer que o Brasil esteja prestes a se integrar no primeiro mundo.”;

d) operadores que permitem introduzir argumentos alternativos e levam à conclusões opostas ou diferentes: ou, ou então, quer...quer, seja.. seja. Exemplo: “Vamos juntos participar da passeata. Ou você prefere se omitir e ficar aguardando os acontecimentos?”;

e) operadores que estabelecem relações de comparação entre elementos, visando atingir determinada conclusão: mais que, tão...como, menos que. Exemplo: “Vamos contratar Luiza que é tão competente quanto a Maria.”;

f) operadores que introduzem uma justificativa ou explicação: porque, que, já que, pois. Exemplo: “Teremos que tomar uma atitude com urgência, porque com doença não se brinca.”;

g) operadores que contrapõem argumentos orientados para conclusões contrárias: mas (porém, contudo, todavia, entre outros), embora (se bem que, ainda que, posto que, entre outros). Exemplos: “O candidato se esforçou para causar boa impressão, mas sua timidez e insegurança fizeram com que não fosse selecionado.”;

”Embora o candidato se tivesse esforçado para causar boa impressão, sua timidez e insegurança fizeram com que não fosse selecionado.”;

h) operadores que introduzem conteúdos pressupostos: já, ainda, agora. Exemplo: “Paulo mora em Guarapuava. Paulo ainda mora em Guarapuava. Paulo já não mora em Guarapuava. Paulo agora mora em Guarapuava .”;

i) operadores que, de acordo com a maneira que foram empregados, podem tanto estabelecer uma conclusão positiva, quanto uma conclusão negativa: tudo, todos (afirmação), nada, nenhum (negação);

j) operadores que se distribuem em escalas opostas, isto é, um deles funciona numa escala orientada para a afirmação total e o outro, para a negação total. Às vezes, tais operadores são morfologicamente relacionados, como é o caso de um pouco e pouco. Exemplo: “Será que Ana vai passar? Ela estudou um pouco ( b) ela estudou pouco”;

l) Quase e apenas: quase aponta para a afirmação da totalidade e por isso combina com a maioria: “A maioria dos cidadãos já vota conscientemente”. Apenas combina com ‘poucos’ porque aponta para a negação da totalidade.

m) outro operador que soma argumento, mas de forma como se fosse desnecessário e, no entanto, é decisivo, é o golpe final: aliás. Exemplo: “A apresentação foi coroada de sucesso: estiveram presentes personalidades do mundo artístico, pessoas influentes do meio político e até mesmo o Presidente da República. Aliás, sua apresentação mereceu um público de alto nível.”

- **Classe argumentativa:** conjunto de enunciados (orações) que servem como argumento para determinada conclusão.
- **Escala argumentativa:** enunciados de uma classe colocados em ordem de força em favor de uma mesma conclusão.

Vejamos um exemplo de **classe argumentativa**:

**Marcos é o melhor candidato**, tem boa índole, tem experiência em administração pública, não se envolve em negociatas.

ARG. 1: tem boa índole

ARG. 2: tem experiência em administração pública

ARG. 3: não se envolve em negociatas

Conclusão:

Marcos é o melhor candidato.

Vejam agora um exemplo de **escala argumentativa**:

**Marcos é o melhor candidato**, não só tem boa índole, mas também tem experiência em administração pública e não se envolve em negociatas.

FORÇA DO ARGUMENTO



não só tem boa índole; **(argumento mais forte)**

mas também tem experiência em administração pública

e não se envolve em negociatas.

**PARA SABER MAIS**, leia os artigos:

9 Considerações sobre o uso de operadores argumentativos em artigo de opinião



## UNIDADE 6

### *OS EFEITOS DE SENTIDO E A LINGUAGEM*

Quando lemos um texto não podemos ficar atentos apenas às informações explícitas (aquelas que estão claras, estão escritas). Para uma completa interpretação, temos que prestar atenção ao que está nas entrelinhas.

Um dos aspectos mais intrigantes da leitura de um texto é a verificação de que ele pode dizer coisas que parece não estar dizendo: além das informações explicitamente enunciadas, existem outras que ficam subentendidas ou pressupostas. Para realizar uma leitura eficiente, o leitor deve captar tanto os dados explícitos quanto os implícitos.

Precisamos inferir, que significa deduzir, chegar a uma conclusão por meio do raciocínio. Na leitura de um texto, precisamos inferir (deduzir) por meio das pistas que o próprio texto deixa. Para isso, é necessário ativar nosso conhecimento de mundo.

Observe charge:

Quais são conhecimentos de mundo necessários para interpretar o texto verbal e o não verbal? O fato de que laranjas é o nome dado àqueles cujos nomes são usados em transações financeiras sem efetivamente participarem delas. Muito bem, as informações implícitas acontecem por meio dos pressupostos, subentendidos e ironia.

### ***PRESSUPOSTOS***

Os pressupostos são informações linguísticas sempre marcadas no enunciado. “Pressuposto é um conteúdo implícito, sistematicamente associado ao sentido de uma oração, tal que a oração só pode ser verdadeira ou falsa se o conteúdo em questão for reconhecido como verdadeiro”. (ILARI,GERALDI, 1994,p.90)

### **TÓPICOS DE COMPREENSÃO TEXTUAL**

Dengue vira risco de epidemia em Guarapuava

**POSTO** - É o que se fala, o que se afirma em um texto

Dengue vira risco de epidemia em Guarapuava.

**PRESSUPOSTO** - É o que é possível inferir, interpretar a partir de marcadores linguísticos.

Antes, havia dengue, mas não risco de epidemia.

**MARCADOR LINGUÍSTICO** - Palavra que permite inferir, interpretar o que não está escrito explicitamente no texto.

vira

Observe essa frase: Em Guarapuava, continua fazendo muito frio. Aqui, existe um POSTO, que é: no momento em que essa frase foi dita, o tempo em Guarapuava estava frio. O posto é a informação explícita. Porém, o verbo destacado demonstra uma informação PRESSUPOSTA: antes de essa frase ser dita, já estava frio.

São marcadores de pressuposição: alguns advérbios ou locuções adverbiais (Joana está bela esta noite de festa); pronomes adjetivos (João foi meu primeiro namorado); verbos que indicam mudança ou permanência de estado (João parou de fumar); determinadas conjunções (casei-me com um homem rico, mas sou feliz).

## SUBENTENDIDOS

“Eu gosto tanto de você  
Que até prefiro esconder  
Deixo assim ficar  
Subentendido  
Como uma ideia que existe na cabeça  
E não tem a menor obrigação de acontecer”

Lulu Santos

Os subentendidos são ideias insinuadas no texto. Elas não estão escritas, precisamos entender o contexto, ou seja, o tão famoso ler nas entrelinhas. São insinuações não marcadas linguisticamente (o autor dá a entender, não garante explicitamente, as informações são discutíveis). O subentendido é de responsabilidade do leitor, por isso é preciso atenção às possibilidades contextualizadas.

O subentendido difere do pressuposto num aspecto importante: o pressuposto é um dado posto como indiscutível para o falante e para o ouvinte, não é para ser contestado; o subentendido é de responsabilidade do ouvinte, pois o falante, ao subentender, esconde-se por trás do sentido literal das palavras e pode dizer que não estava querendo dizer o que o ouvinte depreendeu. (PLATÃO; FIORIN, 2000, p. 244)

Quais são os subentendidos? “Você tem fogo?” – quero o isqueiro; “Senhora, a sacola está pesada?” – a senhora quer ajuda?

Na charge abaixo temos informações pressupostas e subentendidas. Quais são?

Charge

## AMBIGUIDADE

Diz respeito quando uma comunicação linguística se presta a mais de uma interpretação.

Bis – “Quem pede um pede Bis” Pelo próprio nome do produto, a palavra “Bis” gera ambiguidade nesse trecho.

“Ferracini Calçados, sempre presente”. A palavra “presente” pode assumir dois significados (presença e presentear)

Ambiguidade estrutural – Criada a partir do posicionamento de determinada palavra ou expressão em um enunciado. Procuo a chave do cofre que estava no quarto. O que estava no quarto: a chave ou o cofre.

Ambiguidade lexical – criada a partir do emprego de palavras que carreguem duplicidade de sentidos (polissemia). O macaco esquecido no porta malas é motivo de confusão: primata ou aparelho mecânico

Há ambiguidade normalmente devido à pontuação inadequada ou ao emprego de palavras ou expressões de forma pouco clara, com mais de um sentido. Alguns casos mais frequentes de ambiguidade.

### 1. Uso indevido de pronomes possessivos:

Rosana preparou a pesquisa com Sandra e fez sua apresentação.

Rosana fez a sua apresentação ou a de Sandra? Correção: Rosana e Sandra prepararam a pesquisa, e ambas fizeram a apresentação.

### 2. Uso inadequado de pronomes relativos:

Visitamos o teatro e o museu cuja qualidade artística é inegável.

O teatro ou o museu possui qualidade artística? Correção: Visitamos o teatro e o museu os quais têm qualidade artística inegável.

3. Emprego indevido da coordenação:

Marcos e Raquel querem casar-se.

Marcos quer casar-se com Raquel ou cada um deseja casar-se com outra pessoa? Correção: Marcos quer casar-se com Helen, e Raquel com Ricardo.

4. Colocação inadequada de palavras:

O cliente aborrecido recusou o vinho por causa da safra.

O cliente era aborrecido ou ficou aborrecido naquele momento? Correção: Aborrecido, o cliente recusou o vinho por causa da safra.

5. Sentido indistinto entre agente e paciente:

A recepção dos noivos foi no salão do clube.

A recepção foi oferecida pelos noivos ou eles foram recepcionados? Correção: A recepção foi oferecida pelos noivos no salão do clube.

6. Uso indistinto entre o pronome relativo e a conjunção integrante:

O motorista disse ao passageiro que era gaúcho.

O motorista era gaúcho ou o passageiro? Correção: O motorista disse que era gaúcho ao passageiro.

## 7. Uso incorreto de formas nominais:

O pai viu o filho chegando em casa bem tarde.

Quem chegou em casa bem tarde: o pai ou o filho? Correção: O pai viu o filho que chegava em casa bem tarde.

## IRONIA

A ironia pode ser utilizada como um recurso para chamar a atenção do leitor como em: “Não diga, meu amor!”, “Que bonito, hein?”.

Como um recurso literário na construção do olhar do leitor.

“Moça linda bem tratada,  
três séculos de família,  
burra como uma porta:  
um amor!

Mário de Andrade

## CAPÍTULO XVII / DO TRAPÉZIO E OUTRAS COISAS

...Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos. Meu pai, logo que teve aragem dos onze contos, sobressaltou-se deveras; achou que o caso excedia as raias de um capricho juvenil.

— Desta vez, disse ele, vais para a Europa; vais cursar uma Universidade, provavelmente Coimbra; quero-te para homem sério e não para arruador e gatuno. E como eu fizesse um gesto de espanto[...]

Machado de Assis - Memórias Póstumas de Brás Cubas

# REFERÊNCIAS

ABAURRE, L. M.; ABAURRE, M. B. M.; PONTARA, M. Português: contexto, interlocução e sentido. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2010.

AZEREDO, J. C. de. Gramática Houaiss da Língua Portuguesa. São Paulo: Publifolha, 2008.

BAKHTIN, M. M. Estética da criação verbal. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BEAUGRANDE, R.-A. de e DRESSLER, W. V. Introduction to text linguistics. London/New York: Longman, 1981.

BENTES, A. C. Linguística textual. In: BENTES, A.C. e MUSSALIM, F. (org.) Introdução à linguística: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001, vol. 2.

BRAIT, B. Ironia em perspectiva polifônica. Campinas: UNICAMP, 1996.

BRONCKART, J.-P. Prefácio. IN: MACHADO, Anna Raquel. O diário de leituras: a introdução de um novo instrumento na escola. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_. Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano. Campinas: Mercado de Letras, 2006 (Coleção idéias sobre linguagem).

\_\_\_\_\_. Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo. São Paulo: EDUC, 1999.

\_\_\_\_\_. Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo. São Paulo: Educ, 2003.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. Todos os textos: uma proposta de produção textual a partir de gêneros e projetos 9º ano. 3. ed. São Paulo: Atual, 2007;

\_\_\_\_\_. Gramática reflexiva: texto, semântica e interação. 2. ed. 3. reimpressão. São Paulo: Atual, 2005;

CHAROLLES, M. Introdução aos problemas da coerência dos textos. In: COSTE, D. et al. (Org.). O texto: leitura e escrita. Campinas, SP: Pontes, 2002. p. 39-90

CUNHA, C.F. da; CINTRA, L.F. Gramática do português contemporâneo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DUCROT, O. Dizer e não dizer. Princípios de semântica linguística. Campinas: Pontes, 1987.

\_\_\_\_\_. Pressupostos e subentendidos: a hipótese de uma semântica linguística. Campinas: Pontes, 1987. p. 13-30

FÁVERO, L. L. Linguística Textual: introdução. São Paulo: Cortez, 1993.

\_\_\_\_\_. Coesão e coerência textuais. 11ª ed. São Paulo, Ática, 2009.

- \_\_\_\_\_. Coesão e coerência textuais. 11ª ed. São Paulo: Ática, 2010.
- GUIMARÃES, E. Texto e argumentação: Um estudo das conjunções do Português. 4. ed. ver. e ampl. Campinas: Pontes, 2007.
- ILARI, R. & GERALDI, J. W. Semântica. 6ª ed. São Paulo: Ática, 1994.
- KOCH, I. V. A coesão textual. São Paulo: Contexto, 2001.
- \_\_\_\_\_. Introdução à linguística textual. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- \_\_\_\_\_. A interação pela linguagem. São Paulo: Contexto, 1992.
- \_\_\_\_\_. Argumentação e Linguagem. São Paulo: Cortez, 2002.
- \_\_\_\_\_. Desvendando os segredos do texto. São Paulo: Cortez, 2003.
- \_\_\_\_\_. O texto e a construção dos sentidos. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. Ler e escrever: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2011.
- KOCH, I. G. V e TRAVAGLIA, L. C. A coerência textual, 4. ed. São Paulo: Contexto, 1990.
- LAJOLO, M. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. São Paulo: Ática, 2004.
- LIMA, C.H. da R. Gramática normativa da língua portuguesa. São Paulo: José Olympio 1979.
- MARCUSCHI, L. A. Cognição, linguagem e práticas interacionais. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- NEVES, Maria Helena de Moura. Texto e gramática. São Paulo: Contexto, 2006.
- \_\_\_\_\_. Argumentação e “topoi” argumentativos. In: GUIMARÃES, E. (org.). História e sentido na linguagem. Campinas, São Paulo: Pontes, p. 13-38, 1989.
- ORLANDI, E. P. Discurso e leitura. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- PAULINO, M. das G. R. e WALTY, I. L. C., CURY, M. Z. F. Intertextualidades: teoria e prática. Belo Horizonte: Lê. 1995.
- SAVIOLI, F. P.; FIORIN, J. L. Para entender o texto: leitura e redação. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000.
- \_\_\_\_\_. Lições de texto: leitura e redação. 2. ed. São Paulo: Ática, 1997.
- VAL, M. da G. C. Redação e textualidade. São Paulo: Martins Fontes, 1991.